

a
rebelião
român-
tica da

RUI MARTINS

Jovem guarda

FULGOR



A REBELIÃO ROMÂNTICA DA JOVEM GUARDA
Escrito por Rui Martins
Publicado pela Editora Fulgor em 1966

PREFÁCIO

Dois motivos, ao que penso, terão induzido Rui Martins a pedir-me o prefácio para este livro. Por me saber velho amigo da mocidade, em cujo convívio transcorreram os melhores anos de minha vida, e por sentir quanto me preocupam os problemas atuais. Por ter vivido entre moços, seria eu, a seu juízo, mais capaz de compreendê-los e de aceitá-los como são, e, por ser homem de meu tempo, - do presente, mais em condições de enfrentá-lo, com os olhos postos no que está por vir, - no futuro que nele já se anuncia entre luzes e sombras. Tenha acertado ou não na escolha que fez, aceitei o convite por ser livro seu (e eu estou entre os que mais admiram a inteligência do autor) e pelo assunto de que nele trata, e que é, realmente, de atrair e prender a atenção.

Pois, assistimos hoje, em nosso país e em outros, a uma «rebelião romântica da jovem guarda». E Rui Martins a aponta e descreve, com objetividade na apresentação dos fatos, finura em suas análises e calor na compreensão das atitudes juvenis. Em cada capítulo do livro projeta-se uma luz nova sobre elas. Mas eu me pergunto (e essa pergunta se levanta no texto e nas entrelinhas) porque a mocidade de hoje se aventurou por esses desvios românticos, de devaneios e histerias coletivas, quando outros caminhos lhe estaria indicando a época atual? Época de descobertas e invenções notáveis, de explorações e viagens espaciais e planetárias, de aventuras e perigos, de guerras e revoluções. Fase de transição de uma civilização que se extingue, para outra em cujo amanhecer (esperamos não seja sangrento) acordamos entre sobressaltos e inquietações.

Será apenas por ser a juventude «o que ela é», ou por uma aspiração inconsciente de fuga do realismo de nossos tempos? Mas esses caminhos românticos, de abandono a si ... mesma, de encantamento e delírio, parece-me não ter sido ela, propriamente que os escolheu. As circunstâncias é que neles a lançaram. Pois a mocidade não costuma enveredar por caminhos fáceis de percorrer e, por isso, mais frequentados. Por sua natureza, ela é dinâmica, revolucionária. Não acomodática nem resignada e muito menos indiferente. Certo, depois de uma onda de sofrimentos e lutas, de batalhas ganhas ou perdidas, surge, com frequência, uma nova vaga, - a romântica, de que a nota principal é a digressão, quase mística, para os sonhos e arrebatamentos, ou sensual, para a boemia e os prazeres. As tréguas são às vezes necessárias, e volta-se a descansar um pouco do que é grave, perigoso, e que obriga à reflexão, refugiando-se os jovens em tudo o que possa distrair-lhes o pensamento e conceder-lhes o privilégio de se abandonarem a si mesmos.

É preciso seguir de perto as pulsações da consciência da juventude, inquieta e rebelde, para compreender esses periódicos espasmos.

em que ela se entrega a devaneios e dissipações. Crises, de desperdício de forças e energias, seguem-se e precedem, não raramente, a acontecimentos políticos e sociais, mais profundos do que o jogo confuso e contraditório de partidos e de classes. Se a mocidade foi envolvida por essas crises e se mostrou ou parece indiferente a tudo o que nos deslumbra ou perturba no alvorecer de uma nova civilização, o que, nesse fato, se deve ver não é um acaso nem uma atitude à parte, sem nenhum sentido. Mas o resultado de uma confluência de fatores, - entre os quais a perda de confiança nos adultos e velhos, nas camadas dirigentes, como nos valores antigos -, que a projetaram, sem que ela o percebesse claramente, no mundo, dispersivo e quimérico de derivações e rebeldias românticas. Se perdeu ela a crença nos homens e nos valores tradicionais, e não encontrou ainda, para se reanimar, a fé em homens e valores novos, não lhe resta outro caminho senão o da deserção, para viver, na plenitude, sua vida própria.

Os perigos mais graves a que se expõe a juventude, como, aliás, todos nós, não são os mais visíveis, mas os que se aproximam sem ruído e penetram insidiosamente. Desiludida e ameaçada, posta de lado ou entregue à sua própria sorte, não só por um falso conceito em que a têm os mais velhos, como, sobretudo, por um secreto contágio que atinge o pensamento, bloqueia as reivindicações, e desagrega os costumes, tende a mocidade, naturalmente, a recolher-se e a entrar em férias. Quando o Estado decide ou tenta decidir, por nós, o que se tem de pensar; quando a opinião pública se submete, se embota e adquire o hábito de não ter opinião; quando os intelectuais são vistos com desconfiança e os estudantes acabam por reconhecer que não têm voz no capítulo, que lhes resta aos jovens, afinal, senão lançarem-se à aventura de tipo burguês, dessas rebeldias poético-românticas como se não estivessem integrados em um conjunto, - no conjunto das forças nacionais?

Se, voltando os olhos ao meio em que vivem, o que se lhes depara é um espetáculo desolador, uma situação deplorável que não se tenta seriamente resolver, e para a qual não é convocada a colaboração da mocidade, nada, de fato, tem ela a fazer senão retirar-se, desiludida, ao seu mundo, de sonhos e fantasias. Certamente, a obra de reconstrução nacional se ataca em várias frentes. Mas todas essas reformas que se projetam no papel, nada serão se não começarem pela educação e recuperação da juventude, em larga escala e em todos os setores de atividades. Pois, o que se vê, sob o domínio de 'elites restritas e seriamente comprometidas, são massas urbanas e rurais, privadas de quaisquer recursos, para viverem dignamente, moradia, alimentação, elementares noções de higiene e de instrução, e, além disso, sem uma clara consciência de sua função social e de suas próprias obrigações para com a comunidade.

Em situações em que a mocidade não encontra estímulo para uma participação calorosa em atividades de reconstrução, e em que esteja na ordem do dia não a grandeza mas a mediocridade, é quase instintiva, nela, a fuga higiênica para os sonhos e ilusões românticas. Se não a querem com suas naturais inconformidades, rebeldias e aspirações, em largos planos de ação, o que lhe resta é entrar em recesso, viver sua própria vida, mais ou menos alheia ao que se passa em torno dela e não é capaz de lhe agitar o espírito, conquistar-lhe o coração e despertar-lhe o entusiasmo. Em todos os grandes movimentos de reorganização nacional, nessa ou naquela direção, de direita ou de esquerda, em

que se apelou para elas, as gerações jovens, convocadas e mobilizadas, nunca deixaram de participar da execução de planos, às vezes carregados de erros e perigos, mas que lhes traziam qualquer coisa de grande, nas suas concepções e esperanças. Elas tiveram, porque atraídas (e tantas vezes, traídas!), papel sumamente importante em todos esses movimentos, democráticos ou não. Não havia então lugar para fugas e rebeliões romântica, empenhadas como estavam, na obra de recuperação, de reformas e reivindicações.

Mas, quando em torno delas, se faz o vazio e nada as convida para lutas, construtivas ou destrutivas; quando não se lhes acena para grandes iniciativas e realizações; quando os acontecimentos se arrastam, na confusão ambiente, e, se, importantes e graves, não encontram líderes ou dirigentes à altura deles, e se tudo os remói, na incoerência, ou nas perplexidades e hesitações, a mocidade tende a procurar, em seus sonhos, o meio de fugir à mediocridade e pasmaceira reinantes. Volta-se a si mesma, sem objetivo e com espírito conservador senão reacionário, para viver sua vida à parte. Nem os adultos se integram na vida das gerações jovens, nem estas se preocupam com a sua participação na dos adultos e velhos. Daí, «a rebelião romântica da jovem guarda», que tão admiravelmente analisa Rui Martins, em poucos capítulos, com a lucidez e segurança de suas observações de fatos, e de suas reflexões sobre eles.

Vale a pena ler cada um desses capítulos, pequeno e incisivos, em que o jovem escritor examina as rebeliões/juvenis contemporâneas; os adultos e sua integração no mundo juvenil; as razões do declínio da «bossa nova» e o papel da propaganda na criação de imagens sobre a música que satisfaz a todos; sobre a rebelião romântica da juventude nacional; o apoio e reservas dos adultos aos movimentos juvenis e os traços conservadores do líder ou dos líderes juvenis. São todos eles, análises finas e penetrantes que nos convidam à reflexão. Baseou-se o autor para fazê-los em observações, reportagens e pesquisas, de que ele extraiu dados e elementos para uma segura interpretação dos fatos, que se propôs a estudar, e que ele conhece melhor do que qualquer um de nós.

O fenômeno dessa "rebelião romântica da jovem guarda", é universal. Não se manifesta apenas, como se poderia imaginar, em países menos desenvolvidos. Ele já tinha surgido, e de modo espetacular, em outros, super. desenvolvidos como a Inglaterra, de onde vieram os "Beatles", com repercussões, de intensidade e amplitude variáveis, pelo mundo inteiro. Todas essas manifestações juvenis, de raízes mais extensas do que profundas, são analisadas neste livro, de poucas páginas mas de muito conteúdo, com a clareza de um jornalista moderno, em que se associam vibratibilidade e espírito objetivo. Espírito que é o da procura da verdade, sem preconceitos e distorções. É o que consegue Rui Martins numa linguagem viva, simples e direta. No encontro que, nessas investigações, marcou com a verdade, parece-me que deu com ela, trazendo-nos contribuições de valor para o esclarecimento de vários problemas que abordou. Eu o felicito por isso.

FERNANDO DE AZEVEDO

São Paulo, Julho de 1966.

INTRODUÇÃO

Quando percebemos o rápido êxito conseguido pelo cantor Roberto Carlos e a sua aceitação fácil, não só pelos jovens como por crianças e até adultos, ocorreu-nos a possibilidade de localizar as causas determinantes da queda do prestígio dos intérpretes da chamada "bossa nova" e da ascensão do jovem cantor de "ié-ié-ié" nacional.

Embora para muitos tudo não passasse de uma simples voga, bastante comum no comportamento do grande público que costuma trocar seus ídolos de tempos em tempos, tínhamos impressão diversa, crendo na existência de razões mais sérias e considerando a hipótese de representar o "ié-ié-ié" uma válvula de escape encontrada pela maioria para compensar frustrações, anseios ou extravasar energias que, naquela altura, não conseguíamos definir.

Dessa curiosidade, surgiu a reportagem "Juventude vive a rebelião romântica", publicada em um matutino paulistano (O Estado de São Paulo - 08/05/1966), resultado de uma série de entrevistas que tivemos com professores de prestígio, catedráticos da Universidade de São Paulo. Estes concordaram em expor suas teorias sobre as razões do êxito do jovem cantor que, naquele momento, era bem recebido por todos os grupos etários e, aparentemente, por todas as camadas sociais. A unificação das interpretações apresentadas mostrou, então, a existência de fatores realmente importantes para o entendimento do fenômeno que, considerado superficialmente não passava de uma simples consequência da simpatia despertada pelo jovem entre seus ouvintes, aliada ao ritmo quente e alegre da nova música.

Este livro é a ampliação daquela reportagem, enriquecida agora com novas pesquisas e consulta de praticamente todo o material publicado sobre Roberto Carlos, numa tentativa de for tecer aos interessados uma visão do significado da adesão maciça ao cantor, dentro do contexto social e político em que vivemos. Talvez possa parecer exagero admitir-se tais conotações na análise do fenômeno, entretanto, exagero seria tentar-se explicar o êxito do cantor Roberto Carlos, desprezando-se a influência das circunstâncias que, no momento, afetam o comportamento da população, notadamente a que vive nos centros urbanos.

Naturalmente, não seria possível analisar-se a ocorrência do «ié-ié-ié» no Brasil sem ligá-lo à sua origem europeia e sem relacioná-lo com outros movimentos juvenis de protesto ostensivo. Daí, o capítulo dedicado ao comportamento da mocidade contemporânea, que ora parte em demanda de objetivos definidos, ora age irracionalmente externando uma rebeldia «sem causa» ou ainda extravasa suas energias em demonstrares toleradas e até estimuladas pelo mundo adulto.

No primeiro caso, os objetivos da juventude são, geralmente, de alteração dos conceitos políticos ou sociais da estrutura em que vivem, razão pela qual todo um organismo de repressão é utilizado para impedir tais tentativas; no segundo caso, são manifestações destituídas de senso que atentam contra a estabilidade social, pelo que seus autores são considerados proto-delinquentes e mobilizado contra eles todo um aparato policial; enfim, no terceiro caso, a juventude não tem

consciência suficiente para tomar posições definidas, nem as condições do meio ambiente favorecem a delinquência, surgindo, então, uma atitude de oposição franca à sociedade, porém, não quanto ao seu aspecto estrutural mas sim quanto aos seus hábitos, procurando chocá-la, escandalizá-la, sem intenções de reformá-la.

No levantamento das razões determinantes do surgimento de um ídolo, não poderia, também, ser omitida a participação decisiva dos meios mecânicos de comunicação, característicos do mundo moderno, postos a serviço da propaganda para atender interesses econômicos ou interesses políticos do Estado. Por esse motivo, na compreensão do fenômeno Roberto Carlos o papel dos meios de difusão, notadamente a televisão, subordinados a interesses publicitários, merecem referência especial.

Mesmo porque, ao êxito musical do cantor estão unidos alguns investimentos comerciais bastante lucrativos, todos relacionados com a introdução no mercado de uma nova marca, lançada para transformar o desejo de imitação do ídolo em fonte de consumo.

Outro aspecto que não foi esquecido diz respeito à atitude com a qual os adultos aceitaram o movimento juvenil, revelando grande simpatia pelos seus líderes e utilizando a popularidade deles para promover até campanhas beneficentes. De modo geral, a sociedade mostrou-se satisfeita com o tipo de rebelião por eles preconizada, registrando-se diversos depoimentos francamente favoráveis à juventude «ié-ié-ié», considerada como bastante equilibrada e capaz de trazer sossego ao mundo adulto.

Parece-nos que essa atitude adesista e até estimuladora está relacionada com a figura do líder do movimento, razão pela qual procuramos interpretar seus depoimentos publicados na imprensa, bem como seu comportamento ante situações diferentes. As conclusões quanto à liberalidade ou conservadorismo do jovem rebelde são apresentadas no final deste trabalho, depois de algumas observações que nos pareceram essenciais.

Resta-nos agradecer aos profs. Fernando de Azevedo, Octávio Ianni, Ruy Coelho, Egon Schaden e Anita Castilho Cabral as contribuições que nos deram por ocasião da reportagem «Juventude vive a rebelião romântica» e que nos foram mais uma vez valiosas. Incluímos nesse agradecimento todos os colegas de imprensa que dedicaram maior atenção à figura do líder do «ié-ié-ié» e à juventude que ele representa, pois muito nos auxiliaram na avaliação das proporções do fenômeno.

CAPÍTULO I

AS REBELIÕES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS

a) Oposição natural nas sociedades urbanas

Uma franca hostilidade juvenil aos padrões da sociedade organizada, em busca de novos valores, parece ser a constante na maioria dos países do mundo contemporâneo. Demonstrando possuir uma posição independente diante da existência, os jovens desafiam a validade das estruturas aceitas pelo mundo adulto e, não raro, promovem manifestações, nas quais deixam bem patente essas discordâncias.

Essa oposição, em muitos casos, é bastante compreensível, pois é natural que as novas gerações não aceitem passivamente as estruturas, costumes e convenções observados pelos que as antecederam. De certa forma, esse comportamento rebelde contra a experiência dos adultos parece ser uma maneira encontrada pela natureza para permitir a renovação da sociedade e possibilitar-lhe a observância de uma dinâmica que os velhos conservadores jamais permitiriam.

Cada geração, então, no esforço que despende antes de se integrar no mundo dos adultos, provoca, como consequência dos atritos surgidos, a formação de um clima propício a uma nova compreensão de determinados fatos por toda a sociedade. Essa regular reinterpretação e reconsideração pela sociedade de fatos e conceitos, até ali tidos como definitivos, seria a grande contribuição da juventude no sentido de impedir a estratificação social. O sangue novo funcionaria, assim, como uma espécie de revitalizador.

Nas sociedades urbanas industriais ou em industrialização, a influência da mocidade faz-se sentir de forma ainda mais marcante. O fenômeno dos grandes aglomerados urbanos é uma novidade que a raça humana só veio a conhecer no nosso século. Isto equivale a dizer que, nas urbes, onde os valores tradicionais de comportamento se desatualizam, com a sociedade dos adultos aturdida e debaixo do impacto de uma nova maneira de conviver, os jovens destroem tabus seculares preservados pelas comunidades que tinham a seu favor um perfeito aparelho de compulsão social.

Nos grandes centros urbanos, tudo se dilui, não havendo mais possibilidade do controle rígido do comportamento de seus habitantes como ocorria nas antigas organizações sociais. Os próprios membros mais conservadores da nova sociedade percebem que vivem uma nova situação, diferente daquela compreensão rural de existência que possuíam. Conscientes, portanto, de que seus antigos padrões e conceitos estão sendo superados, os mais conservadores se chocam e se desarticulam, sem saber como enfrentar a nova situação. A maioria rebela-se contra esse novo tipo de organização social, que consideram desumano e destrutivo, porém, o processo é irreversível e a cada dia mais populosos se tornam os centros urbanos, num mundo em explosão demográfica e em franca expansão industrial.

b) O mundo autônomo da juventude

Nesse momento histórico de transformação, a juventude aproveita-se dos desencontros existentes no mundo dos adultos para demonstrar seu inconformismo e seu desinteresse por esquemas forjados de comportamento. E, então, difíceis de controlar porque são muitos, os moços aturdem e agridem a sociedade com atitudes ousadas. Criam um mundo autônomo, cuja ideologia é a franca oposição a tudo quanto esteja aceito como definitivo.

Nesse mundo autônomo, a todo instante é aumentado de novos componentes, ao mesmo tempo, que dele saem todos aqueles jovens ingressantes na «vida séria» dos adultos, recém-engajados no esquema de produção da sociedade. Para estes, a necessidade de produzir para sobreviver determina sua integração social. A partir desse momento, têm de adotar a linguagem, os modos, os trajés aprovados pelos adultos para conseguir sua confiança. Em pouco tempo, integram-se de tal forma no novo ambiente que a incerteza inicial da juventude é esquecida, passando a encontrar nos ideais defendidos pela sociedade os seus próprios ideais de existência.

Entretanto, o mundo dos jovens, constantemente renovado, permanece sempre irrequieto como um foco constante de preocupações. Naturalmente, têm os jovens razões suficientes para demonstrar seu descontentamento perante a sociedade. Há uma natural dificuldade para compreender a razão de sua presença num mundo cada vez mais conturbado.

Até há algum tempo, a religião resolvia o problema, apresentando aos jovens soluções para as suas perguntas de conteúdo metafísico. A juventude atual, porém, não se satisfaz facilmente com as explicações que confortaram as gerações passadas. De fato, o mundo mudou, criando com o seu fantástico desenvolvimento técnico e científico as bases para o ceticismo. Não um ceticismo definido, consciente, mas de atitudes.

A maioria dos jovens não rompe seus vínculos tradicionais de religiosidade, apenas os relega a um plano secundário. Mantêm como herança atávica o medo do sobrenatural e por isso não o desafiam, embora também não o cultuem, porque desconfiam da veracidade das soluções que a religião apresenta. Nascidos numa época de fatos concretos, de experiências de laboratório, de milagres visíveis, não conseguem aceitar verdades que a razão não pode explicar.

A natural dificuldade do jovem compreender sua presença no mundo é agravada, também, pelas próprias contradições da sociedade. Encontrando toda uma estrutura já montada, a juventude resiste para aceitá-la, pois o idealismo que a caracteriza não pode compreender os vícios da engrenagem que os adultos permitem existir. Não podem compreender que tenham de aceitar como seus mentores aqueles que têm falhado ao consentir na formação de uma sociedade egoísta, materialista e por isso corrupta. Não entendem, igualmente, a manutenção dos preconceitos de raça, de cor, de crença ou de classe, porque no seu mundo juvenil prepondera a fraternidade, desconhecendo-se as diferenças, pois elas foram diluídas no fato principal de todos serem moços desejosos de grandes mudanças.

Há, ainda, uma razão de ordem emotiva, consubstanciada na resistência dos jovens em aceitar uma sociedade dominada pela técnica e pelas máquinas, causadora, desta forma, da despersonalização de seus membros. O exato, o certo, o calculado dentro de um esquema considerado perfeito, ofende, nos aglomerados urbanos, o instinto criador da juventude, amante das tentativas e das inovações.

Sentindo-se ameaçados pelo perfeccionismo das máquinas, os jovens buscam uma afirmação maior no seu mundo juvenil que consideram mais humano porque menos controlado por fórmulas ou mecanismos de precisão. São individualistas e, por essa razão, lutam contra a possibilidade da estandardização, resistindo a uma sociedade que despreza o seu romantismo.

Sentem que neles está a esperança de um mundo novo e sonham com o instante em que convencerão a todos de que viver é a coisa mais importante da existência. Longe das preocupações de ordem econômica mais imediatas, detestam aqueles que as têm e adotam como princípio o desperdício.

c) A mocidade nos países subdesenvolvidos

Esses comportamentos até aqui citados são, naturalmente, próprios de mocidade que vivem em centros urbanos de regiões desenvolvidas, onde as diferenças sociais não são tão marcantes e a classe média reúne a maioria da população.

Nas regiões subdesenvolvidas, a integração do jovem na sociedade chega a ser dolorosa, pois ele sente o distanciamento das classes e a quase impossibilidade de superá-lo. Os pertencentes às classes menos favorecidas têm uma participação muito pequena no mundo dos jovens, obrigados que são, ainda adolescentes, a produzir para ajudar a subsistência de suas famílias.

Da absorção do trabalho poucas energias lhes restam depois para grandes exteriorizações. O trabalho também os afasta da cultura, pelo que, não são estes os jovens que podem manifestar sua indisposição aos padrões dos adultos. Precocemente se tornam sérios e assumem responsabilidades que os integram, rapidamente, no mundo adulto da classe a que pertencem.

Daí, serem mais conservadores e mais identificados com os adultos, pois a luta diária pela sobrevivência e o tipo de necessidades que têm são iguais para ambos. Por isso, serem as classes pobres, nos centros urbanos, as mais zelosas pelas tradições, mantendo com fidelidade suas crenças, festas, músicas e superstições sem grandes mudanças. Os morros cariocas são um exemplo vivo, no zelo com que pais passam para filhos o amor pelo samba que, anualmente, trazem para as ruas. Embora a influência da televisão seja um fato novo a considerar, as diferentes vogas estrangeiras não chegam a atingi-los com violência.

O movimento juvenil fica restrito, portanto, a dois principais: o dos jovens classe-média (pequena burguesia) e o dos jovens ricos (alta burguesia). Por ser a classe média aquela em que seus componentes aspiram e imitam os da classe superior,

parece ser mais difícil a integração na sociedade dos jovens a ela pertencentes. Mantidos e sustentados pelos pais até uma certa idade para que estudem, convivem nesse período com os colegas mais abastados, participam de suas aspirações, têm os mesmos gostos, tornando-se difícil para eles o instante em que devem retornar à realidade. Assim, enquanto os jovens dos países desenvolvidos podem desfrutar de uma série de comodidades, embora exista a possibilidade de uma guerra que lhes tira um pouco da fé no futuro, a maioria dos jovens dos países subdesenvolvidos contenta-se em conviver ou procura imitar os amigos mais privilegiados, conscientes, entretanto, da própria situação.

Essa a razão porque, nestes países, é comum a mocidade promover e participar de movimentos políticos, nos quais injeta todo dinamismo mas, ao mesmo tempo, toda a sua inconstância juvenil. Assim, ocorre, frequentemente, que jovens mais privilegiados ao verificarem que seus companheiros lutam com dificuldades se revoltam contra a sociedade, unindo-se a eles nos seus movimentos de protesto.

Na maioria das vezes, falta-lhes o lastro necessário, bastando que assumam seus postos no mecanismo da produção para passar-lhes como por encanto todo o ardor revolucionário. Os seus companheiros, aspirantes da situação privilegiada, cessam igualmente seus ardores para que não aconteça terem de entregar alguma boa posição depois de a conquistarem com esforços.

A incoerência dessas atitudes explica-se pelo fato de ao ideal defendido não corresponder uma realidade efetiva. O desejo de ser diferente, o gosto da aventura e a vontade de agredir os padrões vigentes são, porém, satisfeitos na militância de uma posição tida como perigosa que põe, inclusive a família, em polvorosa. A verificação, posterior, diante de fatos concretos de que a conjuntura social lhes pode ser vantajosa, é suficiente para liquidar com suas teorias idealistas.

Entretanto, quando a situação não favorece a participação em movimentos nacionais de rebeldia, a juventude desses países adota tomo seus os movimentos originários de regiões desenvolvidas, numa tentativa de vertê-los para o mundo em que vivem. As condições diferentes de existência revelam, porém, a artificialidade do movimento. me é simples consequência do mimetismo e do desejo de novidades, além de permitir aos jovens uma identificação de atitudes com os companheiros das regiões mais evoluídas. Naturalmente, os meios de comunicação exercem preponderante papel na divulgação desses movimentos no âmbito global, dando uma característica internacional às grandes mobilizações juvenis.

d) Três tipos atuais de manifestações juvenis

Considerando os últimos movimentos juvenis registrados no mundo, poderemos afirmar que os mesmos estão divididos em três categorias principais. Manifestações de rebeldia com propósitos bastante definidos que afetam a estrutura política ou social das regiões em que ocorrem; manifestações marcadas pelo «non sense» e destituídas de objetivo, nas quais a juventude revela uma espécie de prazer sádico em afrontar o mundo dos adultos, sem quaisquer

objetivos reformadores da estrutura social; e manifestações destituídas de periculosidade, nas quais a juventude reveja possuir uma ingenuidade e um ideal de pureza inesperados, como se quisesse mostrar ao mundo serem os seus princípios mais sadios que os dos adultos.

Quando estudantes norte-americanos fazem passeatas contrárias ou favoráveis ao envio de tropas ao Vietnã, quando tomam posições quanto ao problema do preconceito racial ou quando estudantes de qualquer país promovem greves de protesto, exigindo reformas de ensino ou qualquer outra medida, estão, de forma certa ou errada, tomando posições definidas e também válidas, diante de problemas que lhes dizem respeito. A energia que possuem é canalizada numa direção determinada, tornando-se o protesto não simples rebeldia natural, mas o fruto da necessidade de uma tomada de posição. As próprias manifestações artísticas refletem essa tendência, apoiando a juventude os artistas que externam seu estado de espírito. É o caso de Joan Baez, nos Estados Unidos, que transforma todos seus espetáculos numa demonstração hostil à política externa dos Estados Unidos.

O exemplo típico da outra espécie de rebeldia, a chamada «sem causa» ou mais corretamente sem objetivos, é a dos «play-boys» ou transviados. Esta consiste em negar o sistema naquilo que ele tem de menos essencial, espécie de substituição do conformismo abúlico da apatia pelo conformismo dilacerante da rebeldia. Embora rechaçada pela estrutura social em que se manifesta, não afeta nenhuma instituição e, por isso mesmo, não conduz a coisa alguma.

Há, por último, a manifestação juvenil que, pela sua falta de agressividade efetiva à sociedade estruturada, adquire feições típicas de uma rebelião romântica, consentida, permitida e até estimulada pelo mundo dos adultos. Como a anterior, não leva a caminho algum, tem, porém, uma característica que a diferencia: um anseio de bondade e de pureza contraposto à violência. A necessidade de agredir destes jovens satisfaz-se com a adoção de outros padrões no que diz respeito à vestimenta e à apresentação pessoal. No mais, o protesto é vazio, destituído de conteúdo, revelando na juventude um desinteresse por qualquer coisa séria, donde a impossibilidade de tomadas de posição. Esse desinteresse provém em grande parte, da própria situação atual do mundo, no qual os jovens, apesar do seu anseio de viver, sentem-se inseguros por não encontrarem um clima de segurança para o futuro da humanidade. Os jovens cheios de energia entregam-se, então, aos ritmos frenéticos como que tomados pelo mesmo delírio das máquinas.

Esta interpretação seria, em parte, válida para o fenômeno dos «Beatles», na Europa, entretanto, não explicaria convenientemente o fenômeno do «ié-ié-ié» no Brasil, onde há ainda uma série de outras circunstâncias que contribuíram para o seu aparecimento.

CAPÍTULO II

OS ADULTOS E SUA INTEGRAÇÃO NO MUNDO JUVENIL

a) Causas e disponibilidade de liderança

Até aqui se procurou dar uma visão do significado das rebeliões juvenis dentro da sociedade, demonstrando-se que, à simples e natural oposição aos padrões estabelecidos pelo mundo dos adultos podem juntar-se outros fatores circunstanciais. O surgimento dos grandes aglomerados urbanos veio agravar, de certa forma, o choque de gerações, permitindo à juventude novas maneiras de hostilizar os costumes e convenções defendidos pela sociedade. A conquista de uma certa independência, permitiu aos jovens a tomada de posições e a participação em movimentos de protesto com objetivos bastante definidos. Este, porém, não é o caso do «ié-ié-ié» nacional que, destituído de qualquer agressividade ou objetivo é considerado uma autêntica rebelião romântica, sem maiores consequências.

Sabendo-se, contudo, que a nova manifestação musical atinge, no Brasil, também adultos e crianças, surge a necessidade de encontrar-se as determinantes dessa aceitação. Como todo fenômeno social, esse comportamento não deve ser provocado pela ocorrência de uma única circunstância causal, mas ser o resultado de todo um complexo no qual se interligam anseios, expectativas, frustrações e tendências diante de Jatos consumados. Apontar as causas responsáveis, torna-se, por isso, uma atitude temerária, mormente quando não se pode recorrer a dados concretos fornecidos por pesquisas. Serão, portanto, discutidas as causas prováveis do fenômeno, podendo todas elas serem válidas e terem, ao mesmo tempo, contribuído para sua ocorrência.

Inicialmente, a adesão maciça em torno do jovem cantor parece indicar a existência, no País, de uma disponibilidade de liderança, da qual resulta um vazio que conduz todos a atitudes irracionais. Apesar dos esforços despendidos, os atuais governantes não conseguiram atrair para si o entusiasmo popular. São públicas as declarações do chefe do governo de que sua administração tem aspectos impopulares, sabendo-se que suas medidas de ordem econômica provocam, geralmente, desagrado geral.

Conduzido ao poder na crista de um movimento vitorioso, o atual presidente não possuía um anterior lastro de popularidade que o levasse ao exercício de uma liderança consentida. Recebido com satisfação por uns e com indiferença ou hostilidade por outros, não conseguiu se transformar, nestes dois anos, naquele líder que o povo se acostumara a ter. Esse costume criou-se na longa ditadura de Getúlio, cujo paternalismo satisfazia as necessidades de liderança do povo, enquanto impedia a formação de outros chefes políticos.

A queda do Estado Novo encontrou o País numa crise de líderes, pelo que o povo, nas primeiras eleições, recolocou no poder aqueles que satisfaziam sua necessidade de tutela. O povo revelava, nessa atitude, uma tendência para formas de governo autoritário, como resultado do longo aprendizado. Porém, o

exercício da democracia foi, lentamente, corrigindo essa tendência, embora continuassem a existir poucos líderes. Acreditava-se, então, numa gradual libertação popular da necessidade dos líderes carismáticos e no aparecimento de maior número de políticos capazes de exercer liderança.

Entretanto, após os episódios de 1964, seguiu-se um gradativo esvaziamento dos poucos líderes populares, não só os de esquerda como seria inevitável, como também os de direita e centro. Paulatinamente, Carlos Lacerda, Magalhães Pinto, Carvalho Pinto e Adhemar de Barros foram sendo postos de lado pelo novo esquema, participando, de certa forma, do mesmo ostracismo de Juscelino, Jânio e outros, cujos direitos políticos haviam sido cassados, de imediato.

Em contrapartida, não se ofereceu ao povo nenhuma figura popular de projeção nacional, o que determinou a atual disponibilidade de liderança. A subsequente reforma eleitoral, instituindo o voto indireto para a escolha dos ocupantes dos cargos majoritários, teve efeitos semelhantes aos dos esvaziamentos, ressentindo-se o povo de ter sido posto à margem na escolha de seus governantes. Disso, proveio um indisfarçável desinteresse pelas coisas políticas. Esse vazio, contudo, precisava ser preenchido. Havia necessidade de acreditar-se em alguém ou em alguma coisa.

Surgiram, nesse momento, diversos agentes catalisadores destacando-se, entre eles, pela sua importância a passada voga das telenovelas. Considerando-se, superficialmente o problema, não se compreende como telenovelas de pouco conteúdo humano e mínima expressão artística puderam ser tão aceitas a ponto de mudar hábitos familiares. esse comportamento irracional foi, entretanto, a exteriorização da necessidade do preenchimento de um vazio geral. A identificação com os heróis e situações da trama propiciou, além disso, uma reconfortante fuga às inquietações.

No caso do «ié-ié-ié», o cantor Roberto Carlos preencheu a disponibilidade existente, embora comandando um simples movimento musical. Sua inconsequência veio ao encontro do desinteresse reinante, enquanto sua música permitiu «mandar tudo pro inferno».

b) Aparecimento da consciência de massa

Pela segunda hipótese, o fenômeno Roberto Carlos seria a manifestação de um estado particular de consciência coletiva nos meios urbanos. Esta explicação não subestima a importância do tipo físico do cantor, da música, da televisão e dos interesses econômicos a ela ligados, porém, junta a estes fatores a influência decisiva da existência de uma sociedade de massas no País. Assim, idêntica à manifestação dessa situação no plano político, caracterizada no chamado populismo, estaria ocorrendo outra, agora, no plano da arte popular, confirmando estar concluída a formação de uma consciência de massa no Brasil.

Essa consciência de massa é capaz de reagir e se movimentar em termos de valores e estímulos os mais elementares.

O exemplo típico seria o movimento populista de Jânio, cujo símbolo era uma vassoura, perfeitamente compreendida como instrumento de limpeza, num instante em que uma parcela da massa desejava um moralista enérgico.

No populismo, o único vínculo consciente que existe para a massa é a imagem do líder que transcende os conteúdos ideológicos da relação. A pessoa do chefe torna-se a representação de um senhor poderoso ao qual seus seguidores se submetem. No caso de Jânio, era mais importante sua representação de homem duro, moralista enérgico, reservado e quase inacessível, do que sua posição diante dos problemas sociais ou políticos. Portanto, a predisposição de uma consciência de massa é para a aceitação de líderes carismáticos, forma irracional de liderança política.

Aliás, o sociólogo Karl Mannheim, na sua obra *O Homem e a Sociedade*, ao se referir à possibilidade da verificação das origens dos elementos racionais e irracionais na sociedade moderna, coloca a questão nos seguintes termos:

«A sociedade moderna, que no curso da industrialização racionaliza um número cada vez maior de pessoas e de esfera da vida humana, reúne grande massa de gente em enormes centros urbanos. Sabemos agora, graças a uma psicologia absorvida pelos problemas sociais, que a vida entre as massas de uma grande cidade tende a tornar as pessoas muito mais passíveis de sugestões, explosões incontroladas de impulsos e regressões psíquicas do que as pessoas organicamente integradas e firmadas em tipos de grupos menores. Assim, a sociedade de massa industrializada tende a produzir um comportamento muito contraditório, não só na sociedade, mas também na vida pessoal do indivíduo».

«Como sociedade industrial em grande escala, cria toda uma série de atos que são racionalmente calculáveis no mais alto grau e que dependem de toda uma série de repressões e renúncias de satisfações impulsivas. Como sociedade de massas, por outro lado, produz todas as irracionalidades e explosões emocionais características das aglomerações humanas amorfas. Como sociedade industrial, aperfeiçoa o mecanismo social de modo que a menor perturbação irracional pode ter os efeitos mais remotos, e como sociedade de massa, favorece um grande número de impulsos irracionais e de sugestões, provocando uma acumulação de energias psíquicas não sublimadas que, a todo o momento, ameaçam esmagar a sutil maquinaria da vida social». Mais adiante, Mannheim acentua que «o irracional nem sempre é prejudicial, mas que, pelo contrário está entre as forças mais valiosas do homem, quando age como força motriz no sentido de finalidades racionais e objetivas, quando cria valores culturais pela sublimação ou quando, como puro impulso, intensifica a alegria de viver sem romper a ordem social com a falta de planejamento. De fato, mesmo uma sociedade de massas corretamente organizada leva em conta todas essas possibilidades de condicionamento de impulsos. Deve, realmente, criar uma saída para um desabafo de impulsos, já que a objetividade da vida quotidiana, provocada pela racionalização generalizada, representa uma repressão constante de impulsos. É sob esse ângulo que a função do «esporte» e das «comemorações» na sociedade de massas, bem como dos objetivos culturais mais gerais da sociedade devem ser entendidos».

Entretanto, o sociólogo lembra a possibilidade de surgir um perigo específico da irracionalidade e explica: «numa sociedade em que as massas tendem a dominar, as irracionalidades que não tiverem sido integradas na estrutura social podem abrir caminho na vida política. Esta situação é perigosa porque o aparato seletivo da democracia de massas abre as portas para as irracionalidades precisamente nos pontos onde a direção racional é indispensável. Assim, a própria democracia produz sua antítese e proporciona armas aos seus inimigos».

Logo, a formação de uma consciência de massas teria possibilidade de, repentinamente, evoluir para um estado em que se lançam os pré-requisitos de uma ordem política de tipo autoritário, baseada no irracional com seus mitos e símbolos. De acordo com esta hipótese, o movimento Roberto Carlos poderia, então, revelar uma disponibilidade do povo para a aceitação das palavras de ordem de índole autoritária.

c) Influência dos meios mecânicos de comunicação

Outro fator determinante do prestígio desmedido de Roberto Carlos parece estar diretamente ligado aos meios mecânicos de comunicação, no caso a televisão, capaz de levar a todos os lares imagens de pessoas que agem como seres presentes. Deve-se assinalar que esses meios de comunicação despertam um certo fascínio sobre as pessoas, justamente pelo fato de serem mecânicos e terem, por isso, alguma coisa de extraordinário. A televisão como meio mais miraculoso e mais difundido torna-se, então, uma técnica capaz de criar padrões para a sociedade. Embora passível de crítica, qualquer coisa que apareça na televisão passa a ser considerada como possuidora de um mínimo de aceitabilidade e um certo grau de importância. Daí, sua influência sobre as nossas populações urbanas, onde praticamente todos os lares possuem e assistem, religiosamente, programas de televisão.

Dessa forma, a televisão pode repetir, em escala muito maior, a formação de imagens e ídolos, como ocorreu com o cinema e o rádio. Foi o cinema mudo que permitiu o aparecimento do mito Rodolfo Valentino e o cinema falado, Frank Sinatra. No rádio brasileiro, surgiu Orlando Silva, figura que provocava grandes manifestações entre o elemento feminino.

A televisão tem ainda a força de integrar no universo familiar aqueles que projeta no seu vídeo. As pessoas aceitam e incluem entre seus heróis os tipos que, por um processo de seleção, vão considerando ideais. Esses heróis tornam-se pouco a pouco quase reais, pois podem ser vistos e ouvidos dentro dos próprios lares. Cria-se assim a necessidade do encontro periódico entre o espectador e o seu herói.

Naturalmente, a televisão não pode ser encarada como uma simples criadora de figuras de compensação para todos os espectadores. Haverá sempre aqueles que não se deixam influenciar pelo fascínio do aparelho e poderão escapar, por isso, da tentação de projetar seus anseios em alguma figura particular. Entretanto, para a maioria é indispensável o encontro periódico. Não como consequência do exercício de uma crítica que permite a escolha de bons programas, porém, como

possibilidade para satisfação de necessidades íntimas, geralmente inconscientes. Para promover os encontros periódicos, surge a propaganda, cujo objetivo é o de criar afinidades entre imagem e espectador com vistas a promoções comerciais ou utilizar as imagens já bem recebidas pelos espectadores para fins publicitários.

O cantor, ator ou animador não é o produto que a propaganda quer vender. Ele vai ser o instrumento para a publicidade tornar conhecido e vendável determinado produto. Assim, geralmente, a propaganda tem de criar primeiro a imagem para depois usá-la a serviço de um produto. Entretanto, ocorrem, não raro, circunstâncias que permitem o aparecimento de imagens, ante as quais o público reage de modo favorável, por encontrar nelas a satisfação de certos anseios.

Nestes casos, a máquina publicitária não precisa criar, basta desenvolver a imagem para depois utilizá-la comercialmente. Contudo, há sempre a exigência de um deslocamento do interesse do público, da imagem para o produto, que nem sempre é conseguido. Verifica-se, constantemente, uma margem de perda consubstanciada nos que se fixam na imagem e não aceitam o produto.

Logo, o ideal seria encontrar-se uma imagem que, ao mesmo tempo, fosse produto. Impondo-se a imagem aos telespectadores estariam, automaticamente, criadas as condições para sua venda como produto.

Com Roberto Carlos pode-se dizer que esse ideal foi atingido. Transformado em imagem aceita pela maioria, o cantor permite que seus admiradores possam identificar-se com ele pela compra de sua figura. Isto é, sendo ao mesmo tempo a imagem e o produto, Roberto Carlos pode não somente ser visto como também adquirido, possibilitando isso aos seus admiradores um contato muito mais direto do que o permitido pela simples visão ou audição.

Cada telespectador pode ter o cantor para si, de modo individual. Não só naquele momento em que, no vídeo, ele parece ; lhe pertencer, mas todas as vezes em que adquirir e usar aquelas coisas que fazem parte da sua personalidade. Há, portanto, a possibilidade quase real da identificação telespectador-herói, não conseguida por outras imagens.

d) A ação dos adultos no comportamento infantil

Foi a conquista dos adultos pelo cantor que permitiu a sua penetração até a área infantil. O instrumento para o cantor «ié-ié-ié» chegar até as crianças continuou sendo a televisão.

Não existem ainda pesquisas exatas que demonstrem se a televisão é benéfica ou maléfica para as crianças. O fato é que os pais, enquanto não chega uma opinião da ciência sobre o assunto, iniciam seus filhos, desde a mais tenra idade, na apreciação do absorvedor aparelho.

Disposta a imitar tudo, a criança logo reproduz os gestos e as atitudes dos artistas mais vistos, ao mesmo tempo que se revela capaz de reconhecê-los de

imediatamente. Sem dúvida, esse comportamento é interpretado pelos pais como indício de inteligência e vivacidade, pelo que passam a ser vistos com maior frequência os programas diante dos quais as crianças tornam-se mais excitadas. Assim, havendo música, elas dançam; havendo muito movimento, batem palmas ou gritam.

Orientada pelos pais, a criança passa, então, a ter suas preferências. Reage, naturalmente, e de forma positiva aos estímulos da música moderna, tomada pelo seu ritmo que exige, inclusive, o movimento de corpo. Encontra também as fisionomias que a agradam e não esconde sua satisfação ao vê-las.

Apesar de liderar um movimento de oposição juvenil ao mundo dos adultos, Roberto Carlos tem trânsito livre em qualquer lar conservador. Além das razões já apresentadas para explicar seu êxito entre os adultos, sabe-se que a figura do cantor consegue despertar grande simpatia junto aos pais e provocar instintos maternais nas mães. Isto porque todos o consideram um bom rapaz, íntimo e afetivo. A circunstância de ter sofrido um acidente e de, mesmo assim, ter lutado até chegar ao êxito, torna-o ainda mais simpático para todos. Há, sempre, uma admiração em torno do «self-made man» que parece confirmar a regra de que quem lutar vence. Ele se torna, portanto, um estímulo e um desafio para todos.

Conquistados os pais, o cantor foi apresentado às crianças que aceitaram, prontamente, a nova fisionomia incluída no seu mundo infantil. Essa aceitação parece estar muito ligada a simples questão de simpatia pessoal e a uma faculdade inerente no cantor de cativar as crianças.

Na conquista das crianças de idade escolar, embora ainda seja grande a parcela do fascínio exercido sobre elas pelo cantor, entram em cena outros fatores. É a música bastante viva e alegre, são as letras simples e, às vezes, até baseadas em estoriinhas de revistas infantis, com as quais os pequenos estão familiarizados. Acresce, ainda, a circunstância de muitas professoras terem difundido a música de Roberto Carlos entre os menores, nas aulas de música ou canto, por considerá-la sadia e fácil de memorizar.

Portanto, a não oposição dos pais que, pelo contrário, até estimulam e a aceitação dos professores criaram o terreno para a difusão do cantor na área infantil. A propaganda percebeu devidamente essa penetração do cantor da juventude entre a infância e, imediatamente, tratou de atingir esse mercado que, no Brasil, é imenso.

Por isso, os pais que haviam levado a música de Roberto Carlos para seus filhos logo tiveram, também, de comprar-lhes todas aquelas coisas usadas e anunciadas pelo intérprete. O atingimento do mundo infantil de forma tão maciça com a consequente criação de novas necessidades a serem satisfeitas, demonstrou a força que os modernos meios de comunicação podem ter, quando aliados à propaganda.

CAPÍTULO III

RAZÕES DO DECLÍNIO DA BOSSA NOVA

a) A mensagem social da bossa nova

O "ié-ié-ié" quando chegou ao Brasil, encontrou a «bossa nova» no pleno vigor da segunda fase. Tom Jobim, Carlos Lyra, e Vinícius de Moraes eram os grandes compositores, enquanto uma dezena de intérpretes conseguia mobilizar grandes auditórios e vender milhares de discos. Embora iniciada com «o amor, o sorriso e a flor», totalmente desvinculada de questões sociais, a «bossa nova» em determinado instante aderiu ao chamado movimento das reformas de base, tornando-se um tipo de manifestação de arte engajada. A partir desse momento, suas composições passaram a apresentar mensagens reformistas, abordando problemas nacionais e retratando aquilo que se acreditava serem os anseios populares.

Foi a fase dos grandes espetáculos, promovidos por estudantes, dos quais participavam os artistas mais destacados da «bossa nova». Embora falando muito de povo e seus problemas, em virtude de ser uma música muito elaborada, com letras bastante intelectualizadas, a «bossa nova» não atingiu como se esperaria as camadas populares. Paradoxalmente, alcançou mais êxito na classe média, enquanto era prestigiada pelos intelectuais.

Transformada num veículo de doutrinação, apesar do êxito que alcançava, não se corporificou em nenhum artista específico. Nara Leão, Maria Bethânia, Os Cariocas, Edú Lobo, Geraldo Vandré ou Ellis Regina todos eram aceitos como legítimos intérpretes da bossa, manifestando-se a juventude com entusiasmo quando se faziam ouvir as músicas de vanguarda, nas quais a mensagem social era mais ousada. Aplausos irrompiam nos auditórios aos acordes de «Deus com a família», «Terra de ninguém» ou «Carcará», dando a entender que os ouvintes não se fixavam no cantor mas nas letras que satisfaziam sua oposição ao sistema vigente. A «bossa nova» não era, portanto, uma simples manifestação musical da juventude. Era, também, um movimento de rebeldia política, consciente e com objetivos bem definidos. A juventude, principalmente universitária, que a prestigiava tinha na «bossa nova» a interpretação musical de seus anseios.

Deve-se notar, contudo, que a «bossa nova» tornou-se mais ofensiva após a queda do governo Goulart e a ascensão do atual presidente. Vinculada com os tipos de mensagens do governo anterior, a «bossa nova» demonstrou sua desaprovação aos novos detentores do poder com a composição de músicas francamente contrárias às novas estruturas. Tutelada por intelectuais e criada por aqueles que não participaram da mudança do governo, a «bossa nova» manteve-se na oposição, desagradando com isso a classe média, responsável em grande parte pela nova situação. Nesta classe, passaram a ter livre trânsito apenas as composições tipo «Garota de Ipanema», destituídas de qualquer matiz político. Compensando a perda, a «bossa nova» conseguiu uma certa penetração nas camadas populares que visualizaram nela a oportunidade de externar seu descontentamento face às medidas econômicas do novo governo. Nesse instante,

houve o êxito de «Carcará» e, embora não sendo uma bossa propriamente, surgiu o «Comedor de Gilete», com Ary Toledo.

Fiéis ao objetivo de transmitir mensagens por intermédio da música popular, autores e intérpretes organizaram diversos shows, entre os quais se sobressaíram «Opinião» e «Arena Conta Zumbi», recebidos com entusiasmo pela maioria da juventude universitária. Nesse ínterim, o novo governo se firmou no poder, fazendo desaparecer, pouco a pouco, entre seus oponentes a esperança de uma reviravolta, arraigando-se a crença de que as atuais estruturas deverão permanecer por longo período.

Vivendo de mensagens de reforma, a «bossa nova», então, entrou em crise, pois a nova situação - já recebida como definitiva - não favorecia mais aquele tipo de criação. Terminado o clima das euforias reformistas, esfriou o entusiasmo pela «bossa nova», pelo fato de suas mensagens se terem tornado inviáveis e não corresponderem à realidade atual.

b) A música importada e o aparecimento do mito

Nesse instante, o «ié-ié-ié» começou a substituir a bossa, descobrindo-se àquela altura que a nova manifestação musical já possuía grande prestígio entre os adolescentes. Realmente, a «bossa nova» não se preocupava em atingir o mundo dos adolescentes que, no Brasil, constitui uma parcela considerável da população. Gênero muito elaborado, não só na própria música como na letra, a «bossa nova» ficava acima da compreensão dos adolescentes que desejavam apenas um ritmo alegre. As questões sociais não estavam em suas cogitações.

O «ié-ié-ié», enfim, os satisfaz por ser uma música muito mais simples e alegre, capaz de provocar, inclusive, movimentos físicos e utilizar o seu excesso de energias. A própria letra, que se permanecesse no original funcionaria sempre como um obstáculo a uma maior adesão, não chegou a causar dificuldades. Além das simples versões, foram feitas composições nacionais que chegaram a ter mais êxito que as importadas.

Fugindo das letras intelectualizadas da bossa, os novos autores desenvolveram temas encontrados em revistas infantis, com cuja leitura estavam acostumados. A simplicidade das letras, praticamente sem conteúdo, agradou aos adolescentes também familiarizados com os personagens das revistas infantis, ao mesmo tempo que atingiu o interesse das próprias crianças.

O aparecimento de Roberto Carlos, logo transformado em ídolo, imprimiu um tremendo impulso ao movimento, conquistando jovens, adultos e velhos para o «ié-ié-ié». Da ligação do cantor com uma empresa de propaganda, resultou, também, um lucrativo empreendimento comercial que movimenta uma série de produtos subsidiários de seu sucesso.

Ao contrário do que ocorria com a bossa, os aficionados do «ié-ié-ié» escolheram Roberto Carlos como a personificação da nova manifestação musical, ao mesmo tempo, que o transformaram no seu líder e modelo, procurando imitá-lo, buscando de todos os modos uma identificação com ele. Diferenciando-se mais

ainda da bossa que não se preocupara em criar novos tipos de indumentária, o «ié-ié-ié» introduziu algumas inovações, além de adotar o cabelo comprido como a nota marcante do movimento e alguns «slogans».

Interessante assinalar-se que, pela primeira vez, a música importada adquiriu feições nacionais, tornando-se o «ié-ié-ié» brasileiro bastante diferenciado do europeu. Isso não aconteceu com o «rock and roll», «twist» ou «hully gully», pois a música importada só fazia sucesso no Brasil, na sua versão original, interpretada pelo cantor estrangeiro. Foi a fase de «Bill Haley and His Comets», Paul Anka, Neil Sedaka, Trini Lopez e Elvis Presley, representantes de outra cultura que uma bem montada máquina publicitária conseguia impor entre a juventude. Isso já não ocorre com os «Beatles». Não obstante tenham grande aceitação entre a juventude, é o intérprete nacional Roberto Carlos quem monopoliza toda a música «ié-ié-ié». Levando-se em conta o interesse das gravadoras em promover mais a gravação estrangeira, conclui-se pela existência de fatores novos no êxito de Roberto Carlos.

CAPÍTULO IV

O PAPEL DA PROPAGANDA NA CRIAÇÃO DE IMAGENS

a) Futebol e queda de audiência na televisão

Os aficionados de Roberto Carlos preferem, evidentemente, ignorar os motivos apresentados por sociólogos, psicólogos ou psiquiatras para explicar o êxito alcançado por seu ídolo. Basta-lhes o fato de o cantor ser hoje um sucesso sem precedentes. Têm mesmo uma certa antipatia por todos aqueles interessados em encontrar as prováveis causas, pois há um certo mistério no seu ídolo que deve ser preservado.

De certa forma possuem alguma razão, pois as condições de ordem social ou psíquica existentes no instante do aparecimento do ídolo não seriam suficientes para explicar seu êxito. Boa parte deveu-se à associação de Roberto Carlos com técnicos de publicidade dotados de grande poder criador.

Naturalmente, entre a juventude nacional dos centros urbanos existia predisposição para a aceitação de um líder que atendesse determinados anseios. Roberto Carlos surgiu porque na sua pessoa eram atendidos esses anseios. Entretanto, tudo parece indicar que qualquer outro jovem, possuidor de personalidade semelhante à de Roberto Carlos, poderia alcançar o mesmo êxito se fosse bem lançado pela publicidade.

À criação do ídolo Roberto Carlos estão vinculados o Canal 7, Paulo Machado de Carvalho e a empresa de publicidade Magaldi, Maia & Prosperi. Apesar de parecer meio absurdo, na criação de condições favoráveis ao aparecimento do cantor do «ié-ié-ié», papel preponderante foi desempenhado pelos clubes de futebol de São Paulo.

Tudo começou quando os clubes de futebol, alegando crescente queda na arrecadação, proibiram a transmissão dos prélios esportivos pela televisão. Todos os telespectadores paulistanos já estavam habituados ao seu programa esportivo domingueiro e a proibição deixou-os sem ter o que assistir. A televisão perdeu, assim, um grande número de telespectadores que, religiosamente, acompanhavam as transmissões das partidas futebolísticas.

As pesquisas que setores especializados realizam, sistematicamente, para saber da audiência dos diversos canais de televisão entre a população, passaram a revelar um grande número de televisores desligados durante as tardes de domingo, enquanto as pessoas que mantinham seus aparelhos ligados não demonstravam interesse específico por nenhum programa existente naquele horário. No lugar das transmissões esportivas ficara, então, um hiato, cuja audiência era mínima e que precisava ser conquistado.

No Canal 7, as preocupações eram maiores, pois durante as transmissões esportivas era ele que acusava maior audiência. A mudança de situação atingiu, é óbvio, seus interesses comerciais, pois se não há audiência não há também anunciante. Acresce ainda ter a queda de audiência nos domingos afetado a média semanal, passando a emissora a ocupar um lugar inferior em comparação com suas concorrentes.

Surgiu, nesse momento, a ideia de se fazer um programa com bastante música e alegria, dedicado à juventude. Participariam dele jovens cantores, em início de carreira, que tivessem algum prestígio entre a mocidade. Para liderar o programa, Paulo Machado de Carvalho lembrou-se de Roberto Carlos, cantor que ele considerava possuir todo o «charme» exigido pelo lugar. O jovem já havia tido sucesso com algumas músicas e possuía uma fisionomia bastante simpática, capaz de conquistar os telespectadores. Prova disto fora a música «Não quero ver você triste», praticamente uma declamação, muito bem recebida pelo público juvenil.

Para Paulo Machado de Carvalho as características próprias de Roberto Carlos (um ar de tristeza misturado com ternura e bondade) poderiam cativar uma boa parcela de jovens e permitir a elevação do índice de audiência da Televisão Record. Os técnicos em publicidade Magaldi, Maia e Prospero foram ouvidos a respeito e também acreditaram no empreendimento.

Como estivessem em negociações com uma grande loja de roupas, interessada em patrocinar um programa de jovens para vender seus produtos nessa área, os publicitários adquiriram, então, o programa com ideias de transferi-lo a essa firma. Entretanto, a pouca audiência do horário e o fato de o programa ser novo impediu a consumação do negócio. Alegou a firma que o programa poderia não pegar e que o jovem animador, com seus cabelos compridos, tinha uma certa aparência «acafajestada».

A vista disso, os publicitários elaboraram um cuidadoso plano para o programa, acompanhado de um estudo demonstrando sua possibilidade de atingir a juventude. Consultaram duas grandes empresas, ligadas ao mercado juvenil, e tiveram respostas negativas. As reservas eram as mesmas, continuando a existir restrições à figura do jovem cantor. No fundo, estas empresas receavam ferir as susceptibilidades dos adultos e de incorrer no perigo de perder o seu mercado de pessoas conservadoras.

b) O registro da marca «Calhambeque»

Diante da negativa sistemática das empresas consultadas e dos ônus decorrentes da sustentação do programa «Jovem Guarda» sem anunciante, Magaldi, Maia e Prospero resolveram tomar o programa para si mesmos. Examinaram, portanto, tudo quanto estivesse ligado à personalidade do cantor Roberto Carlos e chegaram à conclusão de que uma música de grande sucesso permitia a criação de um símbolo comercial. A música era «Calhambeque» e seu nome foi registrado, imediatamente, como marca de propriedade da agência de publicidade.

Sócio da agência nesse empreendimento, Roberto Carlos passou a anunciar os produtos «Calhambeque» que, pouco a pouco, foram se tomando o traço marcante da «Jovem Guarda», como se passou a designar o novo movimento juvenil. Colocada a questão nestes termos, além daqueles que passaram a comprar os produtos «Calhambeque» pela oportunidade que traziam de identificação com o ídolo, muitos foram obrigados aderir para não serem

chamados de quadrados pelos seus colegas. Assim, a força da propaganda instituindo uma nova moda para adolescentes, crianças e jovens, adquiriu feições de compulsão social.

Atualmente, os produtos «Calhambeque» incluem calças, saias, chapéus, cintos, sapatilhas, botinhas, blusas de inverno, blusões de couro, chaveiros, bolsas e fichários escolares, havendo um mercado sequioso para adquiri-los. A fim de manter relações bastante cordiais com os pais dos jovens adolescentes e crianças, os publicitários selecionam os produtos que desejam usar a marca «Calhambeque». Eles sabem que o mercado juvenil e infantil terá bons compradores enquanto os pais prestigiarem a Jovem Guarda e a considerarem como divertimento inofensivo. Há, portanto, a necessidade de tomar-se certas precauções para satisfazer uma sociedade que é bastante moralista e até quase puritana na educação dos filhos, embora permita certas liberdades para os adultos.

Daí, terem negado a marca para bebidas. Muitos pais se decepcionariam com o cantor, cuja imagem para eles é pura e ingênua, e passariam a hostilizar o movimento juvenil. Aliás, é interessante repetir-se que a Jovem Guarda, apesar de querer ser um movimento independente de juventude, como oposição ao mundo já estruturado, tem toda aprovação e tutela dos adultos. Isto porque ela não ameaça ninguém e nem põe em dúvida as verdades aceitas pela sociedade. Pelo contrário, parece animar os jovens uma pureza de propósitos e uma ingenuidade de adolescentes que encantam os adultos. A oposição fica apenas nas roupas e nos cabelos e, portanto, é inofensiva.

Não é a agência de publicidade quem fabrica os produtos «Calhambeque», ela apenas cede o uso da marca às indústrias interessadas, mediante o pagamento de «royalties». Para a confecção das calças, por exemplo, é cobrado um «royalty» por dois metros de tecido utilizado. O tecido é fabricado por uma indústria têxtil com exclusividade para a Magaldi, Maia & Prospero.

Desse modo, a agência estabelece um mecanismo de controle sobre o volume de produtos fabricado pelo confeccionista, cujo contrato assinado estabelece especificações de fabricação, colocação de etiquetas e modelo, ao mesmo tempo que garante ampla cobertura publicitária do produto. O controle para outros produtos baseia-se em estimativas de produção e vendas.

Os produtos «Calhambeque» têm sido vendidos, por enquanto, apenas nas grandes capitais, onde a mocidade se identifica de pronto com o cantor. Entretanto, se o êxito de Roberto Carlos permanecer, a agência publicitária pretende vender esses produtos em todo o Interior, sabendo que o consumidor juvenil do Interior procura sempre imitar os movimentos verificados entre os jovens das metrópoles.

Levando-se em conta o fato de que mais de 53% da população brasileira tem menos de 20 anos de idade, pode-se avaliar a importância do movimento Roberto Carlos, no aspecto comercial, por ter chamado a atenção para esse enorme mercado de consumidores considerados, até, há pouco, como existente apenas em potencial.

CAPÍTULO V

UMA MÚSICA QUE SATISFEZ A TODOS

a) A reação dos adultos ao «vá tudo pro inferno»

Uma música em especial exerceu influência decisiva na aceitação do cantor Roberto Carlos pelos diversos grupos etários, tornando-o suficientemente conhecido e consolidando seu sucesso. «Quero que vá tudo pro inferno» chamou a atenção dos adultos para o cantor predileto de seus filhos, pelo fato de ter incorporado à sua letra uma imprecação, bastante usada, mas ainda recebida com certa reserva pelos mais velhos.

Passada, porém, a primeira impressão dos adultos, foram eles mesmos os principais divulgadores da composição que lhes possibilitava uma válvula de escape. O estribilho «e que tudo o mais vá pro inferno» deixou de ser apenas o encontro de uma boa rima para sintetizar o desinteresse da geração moça ante os padrões da sociedade constituída e o desencanto dos adultos diante de uma situação política que não evoluiu na medida de suas expectativas.

A composição, naturalmente, não foi intencional, contudo, incluiu uma frase que todos estavam pensando. A aceitação foi rápida porque todos reconheceram na letra da nova música um pouco de sua autoria, sentindo-se também coautores.

O mandar alguma coisa para o inferno já faz parte das expressões brasileiras usadas normalmente e expressa bem a atitude de quem, impossibilitado ou cansado de fazer alguma coisa, dela se desinteressa. Tem força de imprecação e sempre revela um descontentamento ou desânimo.

Para os jovens, a expressão representou o retorno a uma posição individualista, de simples defesa dos próprios interesses. Contraposta, portanto, à precedente atitude de preocupação coletiva da «bossa nova», caracterizada por uma oposição construtiva. «Vá tudo pro inferno» sintetizou a posição do jovem que diante de problemas que lhe são apresentados, reage com um «que me importa?», numa demonstração de uma precoce acomodação, de um desinteresse por tudo aquilo que ultrapasse seu desejo de ser «aquecido no inverno», ou seja, de ter suas necessidades individuais satisfeitas.

Para alguns, os versos «quero que você me aqueça neste inverno e que tudo o mais vá pro inferno» revelam, também, uma irresponsabilidade ética diante do amor, considerado como uma simples aventura temporal e inconsequente. Nesta interpretação, a atitude imediata, é uma outra demonstração do revigoreamento do individualismo entre a juventude «ié-ié-ié».

Entre os adultos, todavia, o motivo determinante da aceitação da música, está ligado à necessidade de desabafo e, de algum modo, a frustrações de ordem política. A classe média, principalmente, que desempenhou papel relevante no movimento contrário ao governo Goulart, não se considera satisfeita com a situação atual e não esconde suas decepções. Isto porque esperava, de imediato,

uma atitude mais drástica do governo para com os corruptos e porque se vê atingida, em cheio pela política econômica, responsável pela redução do seu poder aquisitivo.

Assim, os adultos juntaram-se aos jovens no cântico -da melodia que lhes permitiu externar um pouco do seu sentimento. A questão da disponibilidade de liderança aqui também se aplica, pois os seguidores dos líderes esvaziados unem-se aos demais e também desejam que «tudo o mais vá pro inferno», numa demonstração de desinteresse.

b) Desafogo e solidão

Depois, há problemas de outra ordem. A população urbana, contida em apartamentos pequenos, apertada nos coletivos, posta em filas de cinemas e teatros e, ainda sofrendo as consequências da falta de planejamento das grandes cidades, precisa desabafar para poder sobreviver. O desabafo do «vá tudo pro inferno», embora nada solucione, traz um certo alívio da tensão diária para aquele que, mesmo em casa, não pode se descuidar para não incomodar o vizinho que vive sob o seu apartamento.

Acrescentam-se ainda, os problemas próprios do trabalho, o trânsito que congestionava, a água que falta, o telefone que não dá linha ou o ônibus que não para e passa lotado, tudo num desafio constante ao habitante da cidade grande. Para a juventude, além desses problemas, há o da dificuldade de diálogo com a geração de seus pais.

Criados numa fase em que o mundo se desenvolve abruptamente no campo da tecnologia e da ciência, os jovens têm uma nova compreensão da vida, bem diferente da que tiveram e ainda têm os adultos. Daí, sentem-se incompreendidos e sozinhos na cidade que tem excesso de população.

A mesma composição que manda «tudo pro inferno» fala, também, na existência dessa solidão entre os jovens. «Onde quer que eu ande tudo é tão triste» e o lamento de que a «solidão me dói» certificam a existência na juventude de um vazio, nascido da incompreensão. Parece que a mocidade não tem recebido a atenção, a assistência e o carinho devidos pelos pais e adultos a ela mais achegados.

Procuram, então, chamar a atenção sobre sua tristeza, enquanto explicam que de pouco lhes vale as vantagens de uma vida de «play-boy» e as facilidades proporcionadas pela posse de um carro, se a solidão lhes acompanha e torna a sua existência fria, como um inverno. O inverno não seria, portanto, a estação do ano em que o jovem deseja ser aquecido, mas a metáfora encontrada para designar a sua situação solitária e a frieza consequente da falta de afeto.

A composição que exerceu o papel preponderante na ascensão e êxito de Roberto Carlos parece ter resumido, de forma bastante feliz, as diversas tendências e anseios da juventude e da maioria dos adultos. O verso rebelde e irreverente, o desinteresse, o individualismo, a acomodação, o lamento e a petição de afeto e carinho coexistem na mesma melodia.

CAPÍTULO VI

A REBELIÃO ROMÂNTICA DA JUVENTUDE NACIONAL

a) A falta de agressividade e o ideal de pureza

O que mais chama atenção na juventude «ié-ié-ié» é a sua falta de agressividade e a plena aprovação que lhe dão os adultos, os quais chegam mesmo a incentivá-la. Embora essa falta de agressividade possa ser motivo para elogios, torna-se bastante curiosa, pois a nota marcante da juventude sempre tem sido a de colocar em dúvida as conquistas das gerações passadas e agredi-la com a apresentação de novos valores.

Entretanto, excetuadas as mostras de rebeldia relacionadas com vestimenta e uso de cabelos longos, essa juventude não agride, não ameaça e nem coloca em dúvida o nosso tipo de organização social. No máximo, os jovens «ié-ié-ié» retiram os esguichadores de água do para-brisa dos automóveis de determinada marca (brucutus) para com eles fazerem anéis que imitem os usados pelos seus líderes.

Sucedendo um movimento musical que era comandado por jovens preocupados com questões sociais, a Jovem Guarda confessa-se desvinculada de tais problemas e animada apenas pelo desejo de ser alegre. Essa alegria terr., porém, traços de inconsequência por demonstrar um total alheamento dos moços diante de problemas ligados à sua existência e à sua participação dentro da sociedade.

Assim, embora essa juventude fale muito em amor e cante letras inocentes em ritmos alegres, a sua falta de qualquer objetivo não constitui um bom indício. A própria adesão dos adultos conservadores parece indicar não trazer o movimento aquele sopro renovador próprio da mocidade.

Pode-se argumentar que, depois da Jovem Guarda, decresceu a ocorrência de desordens, arruaças e violências praticadas por jovens. A maioria adquiriu um instrumento musical, transformando-se as antigas «gangs» em estridentes conjuntos musicais. Pode-se ainda acrescentar ser essa mocidade portadora de bons propósitos e de ideais puros, na medida em que demonstra uma prévia disposição para um ajustamento indolor à estrutura social.

Entretanto, o desinteresse dessa juventude por questões mais sérias e a sua superficialidade não são animadores, exceto para os que pretendem manter os jovens marginalizados. Na velha Inglaterra o aparecimento dos «Beatles» coincide, praticamente, com um renascimento comandado pela juventude. Hábitos, tradições e convenções seculares estão sendo rompidos e derrubados por uma juventude culta e saudável que deseja mudar a fisionomia velha e austera do país para outra, .alegre e juvenil.

O Brasil, porém, é um país novo em que tudo ainda está em formação. Portanto, um movimento juvenil, sem propósitos e sem quaisquer ideais transforma-se num hiato nada salutar para o desenvolvimento nacional. Satisfaz, entretanto, aos conservadores, sempre contrários a mudanças e, por isso, animados com a inconsequência juvenil que não põe em perigo a estrutura social.

Daí, ser bastante correta a designação de rebelião romântica para o atual movimento de adolescentes e jovens. É uma rebelião, no sentido da oposição natural dos moços aos adultos, externada na adoção de novos padrões de roupas e de apresentação pessoal. Entretanto, o uso de toda energia juvenil apenas em músicas movimentadas e o desinteresse por coisas mais objetivas faz dela uma simples rebelião romântica, que não é contra e nem a favor de ninguém.

Surpreendentemente, os líderes dessa juventude parecem aspirar, inclusive, ideais de pureza que os adultos se revelaram incapazes de manter. Senão vejamos. A cantora Wanderléia, em artigo escrito para determinada revista, deixou claro uma certa irritação para com os que procuram interpretar o comportamento da juventude, afirmando que com o canto e a dança apenas dão vazão às energias. Acrescenta que os jovens não destroem nada, cantam músicas puras e dançam sem sensualidade. E conclui com uma mensagem em que fala em um mundo novo.

Embora negando a existência de uma rebeldia no seio da mocidade, não consegue a cantora esconder uma certa indisposição para com os adultos. Depois de enumerar os hábitos das juventudes passadas, aos quais critica, ela procura demonstrar que a mocidade atual é alegre e viva mas sem maldades. Percebe-se, -então, existir entre a mocidade uma prevenção contra os adultos que lhes fixam as normas de comportamento e que, contudo, não as observam. A desagregação familiar das grandes cidades não passou despercebida aos jovens. Eles assistiram e assistem com desgosto que seus mentores não praticam os preceitos que lhes querem impingir.

Esse comportamento falso de pais ou de mestres, provoca nos moços a aspiração por ideais nobres e a descrença no mundo adulto. Contudo, enredados pela moral pregada pelos que não foram capazes de praticá-la, os jovens têm uma reação paradoxal e querem provar ser muito mais superiores. Assim, embora tenham atitudes mais ousadas, fazem questão de cercar o seu mundo de um clima de sinceridade não existente entre os adultos.

Essa reação, porém, satisfaz aos adultos que não percebem a sua sutileza e julgam tratar-se da manifestação de um simples espírito sadio entre os jovens. Dão, então, todo apoio ao movimento pela tranquilidade que ele traz, pois consideram toda a juventude inofensiva. Os ritmos, gritos, pulos e cabelos longos são entendidos como tendência natural para extravasar energias e parecer diferente.

Dessa forma o protesto não atinge seu objetivo, ao mesmo tempo que os jovens, inconscientemente, enquadram-se, de modo precoce, dentro de todo complexo social.

b) Consequências da emancipação da mulher

Há, porém, outra hipótese para explicar esse surto de pureza ou nostalgia de pureza entre a juventude. Seria uma consequência da gradual emancipação da mulher, que, hoje, nos centros urbanos equipara-se ao homem, determinando isso um equilíbrio de convivência que parece retardar a maturidade. Em razão desse

equilíbrio, os jovens passam a apresentar um comportamento típico de adolescentes em disponibilidade amorosa.

A moda masculina e feminina revelam, realmente, uma tendência mundial para uniformização, diminuindo gradualmente as diferenças marcantes que existiam entre as roupas para moços e moças. Outro fato interessante refere-se ao uso dos cabelos, com os rapazes passando a usar cabelos longos, enquanto as mulheres os encurtam.

Essa uniformização de indumentária, que não distingue mais os grupos sexuais, parece estar muito relacionada com a mudança da situação da mulher. Durante muitos séculos, a mulher viveu segregada. Era o homem quem providenciava a manutenção da família, enquanto a mulher permanecia em casa cuidando das coisas domésticas. A situação dela era pouco superior à de um objeto.

Não tendo tarefas a cumprir e sendo mantida pelo homem, podia esmerar-se no realce de sua beleza. Seus vestidos eram bastante ornamentados, seus cabelos exibiam penteados complicados, ao mesmo tempo que a pintura realçava sua beleza.

A gradual libertação da mulher que também passou a trabalhar ao lado do homem, exigiu dela indumentária mais prática. Assim, os trajes que possuía apenas para se apresentar tiveram de ser substituídos por outros que lhe dessem maior mobilidade no trabalho. Logo, surgiu o «tailleur», a versão feminina do terno masculino.

À medida que a mulher foi ingressando no mundo do homem, as diferenças foram se tornando mínimas, principalmente nos trajes esportivos. Isso poderia, então, indicar que estivéssemos a caminho de uma civilização in diferenciada ou andrógina. No momento, porém, ocorre uma pequena e inexplicável inversão.

As mulheres aderiram aos saltos baixos, cortam os cabelos e usam calças. Entretanto, os homens passaram a adotar o cabelo comprido, usam camisas esporte parecidas com blusas femininas e gostam do colorido preferido pelas mulheres.

Tudo parece indicar que o homem, acostumado a exercer o domínio sobre a mulher, sente-se agora receoso. Obrigado a aceita-la como companheira e sua igual, apenas com as diferenças do sexo, o homem vacila. Na Europa, embora a liberdade sexual seja muito grande entre a mocidade, o ajustamento homem e mulher torna-se doloroso.

Os próprios filmes dos «Beatles» demonstram esse clima. Apesar de surgirem mulheres nas cenas, não há o desejo ou a relação erótica, somente

companheirismo, como se todos fossem adolescentes. Muitos críticos viram alguma relação entre os «Beatles» e os Irmãos Marx, notaram, contudo, nos primeiros, a falta de agressividade e sensualidade que sobrava nos Irmãos Marx.

O sexo masculino estaria vivendo, portanto, um período de digestão difícil, que seria este da emancipação da mulher. Em síntese, a mulher, no momento em que deixou de ser objeto, tornou-se má companheira para o homem. Isto porque passou a ter desejos, vontades e consciência de si mesma, rompendo aquele equilíbrio antes mantido pela liderança autoritária masculina.

A nova realidade tem dupla consequência: o aparecimento das sociedades matriarcais, nas quais o homem cede ante a nova mulher; e a multiplicação do homossexualismo, que demonstra o retraimento do homem e a sua incapacidade de juntar-se com uma mulher em condições de igualdade.

Sentindo esse impacto, a juventude retarda sua maturidade e se fixa num amor platônico porque, no fundo, teme a realização sexual. Esse comportamento é parecido com a atitude das adolescentes para com os ídolos cabeludos. Receosos ainda da ideia do sexo elas preferem amar criaturas não bem definidas, que parecem masculinas mas conservam características femininas. Sentem-se, assim, mais seguras.

CAPÍTULO VII

APOIO E RESERVA DOS ADULTOS AOS MOVIMENTOS JUVENIS

a) Autocrítica mostra desejo de convivência

Para a melhor compreensão da mocidade «ié-ié-ié» brasileira, não deve ser desprezado o significado da letra de uma composição que alcançou grande êxito. Isto porque ela constitui uma verdadeira autocrítica de seu cantor e de seus admiradores, de modo geral. Trata-se da música «Mexerico da Candinha».

Nela, Roberto Carlos comenta os defeitos que lhe atribuem e apresenta sua justificativa. Naturalmente, a autocrítica foi feita inconscientemente e é, por isso mesmo, mais válida. Ela também confirma que a juventude por ele liderada está interessada em obter a aprovação dos adultos.

A Candinha funciona, no caso, como representação da opinião geral da sociedade. A composição responde às principais críticas feitas à juventude moderna com o objetivo evidente de romper as reservas de certos adultos, para que tolerem os moços se não for possível estimulá-los.

Há também na composição o interesse de formar a imagem do pseudo-rebelde, isto é, aquele que faz e usa uma série de coisas extravagantes mas que está, plenamente, integrado na sociedade comandada pelos adultos. O jovem aceita os valores estabelecidos pela sociedade e deixa bem claro ser, no fundo, um bom rapaz. Esse temor de desagradar aos adultos confirma o caráter romântico da rebelião juvenil e demonstra de modo cabal a inconsequência do movimento.

A letra da composição «Mexerico da Candinha», que enseja um melhor entendimento do espírito juvenil, é a seguinte:

A Candinha vive a falar de mim em tudo.
Diz que eu sou louco,
esquisito e cabeludo
e que eu não ligo para nada,
que eu dirijo em disparada,
acho que a Candinha gosta mesmo de falar;
ela diz que eu sou maluco
e que o hospício é o meu lugar,
mas a Candinha quer falar.
A Candinha quer fazer
da minha vida um inferno,
já está falando do modelo do meu terno,
e que a minha calça é justa,
e de ver ela se assusta
e também da bota que ela acha extravagante.
Ela diz que eu falo gíria
e que é preciso manear,

Mas a Candinha quer falar.
A Candinha gosta de falar de toda gente.
Mas as garotas gostam
de me ver bem diferente,
a Candinha fala mas no fundo me quer bem,
e eu não vou ligar
pra mexericos de ninguém.
Mas a Candinha agora já está falando até demais,
porém, ela no fundo
sabe que eu sou bom rapaz
e sabe bem que essa onda
é uma coisa natural
e eu digo que viver assim é que é legal.
Sei, que um dia,
a Candinha vai comigo concordar
mas sei que ainda vai falar.

Como se vê, ao apresentar suas explicações, Roberto Carlos diz que vivem a falar dele em tudo: que é louco, esquisito e cabeludo, que dirige em disparada e que o hospício é seu lugar. Lembra as críticas ao modelo de seu terno, à sua calça justa e às suas botas tidas como extravagantes, para depois apresentar suas justificativas.

O primeiro argumento do cantor contra esses falatórios torna claro a necessidade da diferenciação sentida pela juventude. A alegação de que as garotas gostam de vê-lo bem diferente revela a oposição dos moços à possibilidade de parecerem iguais aos adultos, cuja maneira de ser e atitudes são tidas como «quadradas».

o segundo argumento é o de que, apesar de suas esquisitices, ele é um bom rapaz. O fato de ele declarar ser um bom rapaz traduz o seu engajamento à sociedade com o conseqüente reconhecimento da validade das regras por ela estabelecidas. Por outras palavras: «Não precisam se preocupar comigo, pois minhas manifestações exteriores de oposição não revelam uma convicção íntima e nem descrença nos valores morais aceitos pela sociedade».

Daí, a complacência da sociedade para com o comportamento dos moços, pois os adultos sabem que, na realidade, todos querem ser bons, não passando a revolta deles do desejo de deixar crescer o cabelo, usar roupas diferentes ou ter uma gíria própria.

Prova disso, é o prestígio que o movimento vai recebendo das mais diversas organizações. Entidades de assistência, a fim de conseguir mais fundos para suas obras de benemerência, promovem «shows» com o ídolo «ié-ié-ié», convictas de que estão dando à juventude o melhor em matéria de recreação. Até o próprio clero procura falar a linguagem «ié-ié-ié», preocupado em mostrar à juventude que não condena a nova música e que considera o jovem Roberto Carlos um modelo para a mocidade. Assim, entre promoções filantrópicas e officios religiosos celebrados ao ritmo da nova música, os adultos vão assumindo paternalmente a direção do movimento juvenil, encantados com a docilidade dos jovens.

E a juventude torna-se, simplesmente, barulhenta mas boazinha. Alguma coisa assim como uma criança peralta que gosta de chamar a atenção. Pena que seja também irresponsável e, à escassa cultura, junte uma dose de indiferença pelas questões mais sérias.

b) Restrições aos movimentos sérios

Entretanto, a juventude brasileira não é toda ela constituída de adeptos do «ié-ié-ié». Há mesmo um movimento, em franca expansão, cuja finalidade é reunir jovens para ouvir a música clássica. É constituído de milhares de estudantes secundários ou universitários que frequentam teatros e até auditórios de emissoras de televisão para ouvir orquestras sinfônicas e música de câmara.

Trata-se da Juventude de São Paulo que procura melhorar o gosto artístico da mocidade e que apresenta, com grande frequência, ótimas orquestras interpretando os mais famosos compositores. E, embora poucos saibam, em todas essas apresentações os auditórios ficam repletos de jovens.

Há, também, um grande interesse entre os moços pelo teatro. Apesar das dificuldades, quase toda escola superior tem o seu grupo teatral. Entre eles destaca-se o Teatro da Universidade Católica, o conhecido TUCA, cujos componentes foram, recentemente, premiados em festival promovido na França. Para participar do festival, esses estudantes dependeram de contribuições de amigos e empresas, pois não possuíam o necessário para pagar as passagens e não contavam com o apoio oficial.

Estes movimentos, porém, não recebem os mesmos estímulos que favoreceram a Jovem Guarda. Lutam com dificuldades financeiras e não conseguem despertar o entusiasmo dos adultos que chegam a recebê-lo com reservas. No caso típico dos teatros universitários, paira sobre eles a eterna desconfiança de que prestigiam tendências ideológicas contrárias às tradições nacionais.

Assim, entre movimentos sérios, que exigem «background» cultural e que abrem novas fronteiras para os jovens, ou movimentos inofensivos e assinalados por uma total pobreza de conteúdo, a sociedade prefere ficar com estes últimos. Partidária da filosofia que defende a marginalização da juventude, a sociedade brasileira olha com restrições quaisquer manifestações juvenis que pretendam submeter à uma análise suas estruturas.

Acham os adultos, de uma forma geral, que os moços devem se divertir e não se preocupar com as coisas mais sérias. Confiam que o seu amadurecimento lhes trará, conseqüentemente, o engajamento na sociedade, sem a exigência da realização das transformações que o idealismo da juventude julga imprescindíveis. Essa resistência é perfeitamente compreensível numa sociedade conservadora como a nossa, cuja organização já arcaica passa pelo período de crise de ajustamento aos novos padrões exigidos pela realidade atual.

Ora, o movimento «ié-ié-ié», patrocinado por uma bem montada máquina publicitária, conseguiu mobilizar grande parte dos adolescentes e jovens que vivem nos centros urbanos, desviando-os do debate de temas julgados perigosos.

Formou, inclusive, um contingente de jovens totalmente alheio aos acontecimentos nacionais e preocupado apenas em imitar seu ídolo nos mínimos pormenores.

Talvez, por isso, tenha recebido tanto apoio. A última manifestação de aprovação dada aos jovens «ié-ié-ié» pela sociedade foi a entrega do título de Cidadão Paulistano ao cantor Roberto Carlos, capixaba de Cachoeira do Itapemirim. Por expressiva maioria, tendo sido contrários apenas quatro vereadores, a Câmara Municipal de São Paulo outorgou ao cantor uma honraria que só é concedida a personalidades de grande destaque que tenham prestado serviços de alta significação para a metrópole. Houve, naturalmente, uma dose de imitação, pretendendo reeditar o episódio em que os «Beatles» foram agraciados com um honraria pela Coroa britânica. Não faltou, também, o interesse simplesmente político de agradar os novos e futuros eleitores juvenis.

O principal, porém, está na formalização da aprovação já tacitamente dada pela sociedade adulta à figura do jovem líder e a tudo quanto ele significa. Enquanto isso, a propaganda insiste na apresentação do ídolo, junto aos adultos, como figura de elevados dotes morais e de austeros princípios. A atitude mais explorada é a de ter negado a marca de sua propriedade a uma fábrica de bebidas, demonstrando assim - dizem - ótima formação e preocupação pelo resguardo da juventude. A atitude não deixa de ser comovedora, entretanto, não será com medidas idênticas que se diminuirá o consumo de bebidas. Nem será com tais desprendimentos que salvará a Pátria. O povo porém é vulnerável a tais estímulos e se emociona com apelos sentimentais.

Para a campanha do agasalho valem as mesmas críticas. Foi uma promoção bem planejada, semelhante à «(Quanto vale uma criança)», que deu bastante destaque a Moacir Franco. Tais promoções, embora tenham alguma utilidade, pecam pelo exagerado personalismo, enquanto desenvolvem no povo um conceito já superado de assistência social.

CAPÍTULO VIII

OS TRAÇOS CONSERVADORES DO LÍDER JUVENIL

a) A suposta liberalidade

Roberto Carlos, o líder da juventude «ié-ié-ié» nacional, embora tenha um modo próprio de se vestir e deixe crescer seus cabelos, agindo numa e noutra forma em desacordo com as convenções sociais, é, no fundo, um jovem conservador. O conhecimento de suas impressões sobre diversos assuntos e de seu comportamento em determinadas circunstâncias especiais não revelam nenhum inconformismo e nenhuma interpretação mais arrojada para os problemas que a sociedade julga já ter dado a última palavra.

A suposta liberalidade diante dos tabus mantidos pelas gerações passadas não existe. Ele guarda os mesmos preconceitos preservados pelos adultos e, nas entrevistas que concedeu aos mais diversos órgãos de difusão, jamais revelou possuir um espírito renovador ou reformador. Há nele concordância com o pensamento dos mais velhos em todos os assuntos importantes.

Talvez alguém argumente que essa posição favorável ao pensamento da sociedade constituída seja uma autodefesa. Isto é, para não provocar uma reação que poderia frustrar-lhe o sucesso. Entretanto, essa atitude de autodefesa - se houvesse - confirmaria seu caráter conservador. Nenhum jovem possuidor de interpretações novas, colocado em situação de liderança e crendo em suas ideias, iria preocupar-se em mascarar seu pensamento. Pelo contrário, o desafio e o quixotismo são a característica marcante da mocidade. Há um certo prazer para o jovem rebelde em violentar os esquemas que considera superados.

Isso não significa que o jovem, pelo simples fato de ser contrário ao convencional, tenha razão. Mas o fato de ele ser contra e de não fazer segredos disso revela a sua juventude. Todos os grandes movimentos de jovens quer na literatura, pintura ou política sempre significaram o rompimento com o que era aceito, dogmaticamente, como verdadeiro. O posterior amadurecimento permitia uma reavaliação da decisão inicial. Entretanto, foi sempre o impulso rebelde da juventude o revitalizador da sociedade que, de tempos em tempos, é assim submetida a um reexame geral.

A aquiescência aos padrões do mundo em que vive não é, porém, o traço marcante da juventude sadia. Não há dúvida de que essa aceitação satisfaz aos responsáveis pelos destinos da sociedade. Os adultos julgam já ter encontrado a explicação definitiva para as questões da existência e para o comportamento social do homem. Sentem-se seguros quando a geração moça os entende, pois a apresentação de outras explicações sempre lhes é dolorosa.

Entretanto, o mundo encontra-se em fase de constante transformação pelo que é impossível a manutenção de fórmulas rígidas de comportamento. Dia a dia, novos conhecimentos obrigam a revisão de fatos anteriores, quer no campo da ciência, da técnica ou da própria moral. Verdadeiros tabus das gerações passadas

são discutidos abertamente em nosso tempo. Até mesmo a religião reformula suas crenças e se readapta para não envelhecer nesse mundo dinâmico.

Roberto Carlos, porém, não traz nada de novo para a juventude brasileira. Nenhum protesto e nenhuma nova posição, aceitando e enquadrando-se docilmente na estrutura social em funcionamento. Não faz uma crítica, foge delas. E para a juventude desorientada das grandes cidades oferece apenas uma alternativa: cantar e dançar o «ié-ié-ié».

b) A manutenção dos tabus

Suas preocupações são todas de ordem externa. Para deixar-se fotografar, demora bem uns dez minutos ajeitando os cabelos, enquanto revela um desusado requinte no trajar. Nas questões de ordem interna suas posições são retrógradas, refletindo, exatamente o pensamento da geração passada.

Suas expectativas diante da mulher não têm nada em comum com o pensamento moderno. Para ele, a mulher deve ser feminina e simples, não sendo essencial a inteligência. Ora, por ser feminina se entende fragilidade, fraqueza e capacidade de sujeição; ser simples, significa ser de manejo fácil, com muita docilidade e por achar que a mulher deve ter pouca inteligência entende-se ser ele partidário da velha escola que não exigia da mulher grandes dotes intelectuais, pois o homem é quem deveria resolver sempre pelos dois.

Sobre a igualdade dos direitos da mulher, Roberto Carlos tem duas atitudes. Pela teórica, não ergue qualquer obstáculo a essa conquista. Mas na prática, é bem diferente. Respondendo a uma jornalista sobre a questão, o jovem rebelde demonstrou estar comprometido com todos os preconceitos que tolhem e marginalizam a mulher. Sua posição sobre a virgindade feminina é tão conservadora e convencional como a de qualquer respeitável senhor.

Não enfrenta o problema, e embora afirme que, na nossa época, virgindade não é mais importante, continua achando que as moças bem educadas casam virgens. Entretanto, não mais existindo a virgindade (no sentido físico), não há mais necessidade de preocupar-se com ela (no sentido moral). Ele é, portanto, um defensor das teorias de nossos avós, embora pareça liderar posições mais evoluídas. Por último, parece achar que o homem é polígamo por natureza, pelo que as mulheres devem se conformar com essa realidade.

Quanto aos problemas gerais da humanidade, o líder juvenil não demonstra maior interesse. Está feliz no seu universo familiar e mais ainda com o sucesso que lhe tem proporcionado uma sensação de realização pessoal. Pobreza, miséria, injustiça, insegurança, ameaça de guerra são preocupações que, às vezes, lhe vêm à cabeça quando lê jornais. Não é, porém, seu costume ler muitos jornais. E como não se demora na análise desses temas não tem qualquer opinião formada sobre eles.

Sobre os nossos próprios problemas tem reação idêntica. Em síntese, não tem qualquer interesse pelas questões que chama, para se justificar, de problemas de adultos. Não sabe direito quem é o seu homônimo Roberto Campos, nem quem é governador em Minas ou o que seja Congresso Nacional.

Informado apenas por revistas infantis, não se interessa por saber e não sabe o que se passa no Vietnã, guardando sérias reservas quanto à possibilidade de o homem chegar à Lua. É contudo, o líder de uma grande parcela da geração que assiste o desenvolvimento da técnica e que poderia ser a primeira a interessar-se pela extraordinária conquista do nosso século, como será o desembarque do homem na Lua.

Deixa, inclusive, de ter semelhanças com o conjunto dos «Beatles», ao demonstrar seu desinteresse pelo mundo em que vive. Isto porque o conhecido conjunto inglês, em recente entrevista concedida em Tóquio, tomou posição numa das mais controvertidas questões internacionais. Interrogados sobre o que achavam da política norte-americana no Vietnã, os «Beatles» afirmaram que os Estados Unidos nada têm a fazer naquela região do sudeste asiático, tendo John Lennon - um dos quatro afirmado que eles pensam todos os dias nisso e que não concordam com o que está acontecendo.

c) Lideranças sem perspectivas

Na realidade, Roberto Carlos surgiu porque, à semelhança da disponibilidade - de liderança existente entre os adultos, ocorre outra entre os jovens. Há um desacerto, uma insegurança e uma falta de perspectiva para a juventude brasileira, ainda sofrendo as restrições de má formação cultural e sujeita aos choques familiares, pois os adultos insistem em manter padrões superados de comportamento, diante de uma nova realidade social.

Escasseiam os líderes juvenis capazes, porque só se é líder quando se tem segurança. Apesar de sua ingenuidade diante da existência e de sua irresponsabilidade, Roberto Carlos está seguro nos padrões familiares que lhe foram legados. Os demais jovens, mesmo os intelectualizados, têm dúvidas e por isso não lideram. Outros são líderes apenas para grupos reduzidos, porque sua mensagem é muito elevada para ser entendida pela maioria.

A conclusão de que Roberto Carlos encarna o espírito conservador e, por isso, exerce uma liderança aceita como benéfica pela sociedade constituída, chegou também o juiz da 12.a Vara Criminal de São Paulo, ao julgar o episódio em que o cantor teve de fazer alguns disparos para se livrar da ameaça de malfeitores.

Citando inclusive alguns trechos de nossa reportagem «Juventude vive a rebelião romântica», publicada no jornal O Estado de São Paulo, e outros do jornalista Roberto Freire, foi o seguinte o despacho do meritíssimo juiz:

«O moço, ao qual grande parte dos adolescente dedica intensa veneração, é fenômeno no momento, merecendo um estudo profundo dos entendidos. É claro que não é nos limites de uma sentença que se há de estudar sua personalidade. Psicanalistas e conhecedores das manifestações e relações sociais afirmam que

este rapaz e todos os seus seguidores são jovens que adotaram a rebeldia do protesto. Eles têm nos «Beatles» um símbolo maravilhoso de rebelião contra a sociedade dos adultos. Esclarecem ainda que uma das causas dominantes do processo é o choque das gerações. Os mais velhos estão sempre em oposição ao que é novo, pois não querem abrir mão do que têm, sobre o que fundamentaram e justificaram toda a sua existência. Os antigos repelem tudo o que foge aos padrões tradicionais.

Mas para ser o líder de uma parcela da mocidade, Roberto Carlos revelou-se possuidor de uma simpatia cativante. Para as moças o seu olhar triste, um ar de desamparado, mais o fato de ter sofrido um acidente e de parecer muito bom para seus colegas, provocam sempre uma atitude maternal. A música que interpreta pessoalmente assinala um espírito de revolta da juventude. Mas esta manifestação, pela sua falta de agressividade efetiva à sociedade estruturada, adquire feições típicas de uma rebelião romântica, consentida, permitida e até estimulada pelo mundo dos adultos.

A influência que exerce sobre os que o seguem passa a ser benéfica. Pelo menos, até o presente momento, nota-se grande afabilidade de todos os que o cercam em torno de suas ações. Isto se poderá verificar facilmente. Em todas as manifestações de personalidades marcantes na vida social e política, a tônica é a da amizade e apreço pelo cantor. O Cardeal D. Agnelo Rossi o recebeu com muita cordialidade. A Câmara Municipal de São Paulo já lhe concedeu o título de Cidadão Paulistano.

Sem dúvida, tais fatos revelam uma pessoa orientada para o bem. E, agora, a campanha que realiza em benefício dos pobres, conseguindo-lhes agasalho, alcança intensa repercussão pública.»

Entretanto, apesar de todas as manifestações favoráveis ao jovem cantor parece que num ponto há concordância geral: sua liderança não apresenta quaisquer perspectivas para a mocidade. Talvez pelo fato de ele mesmo não se ter convencido da influência que poderia desempenhar entre uma juventude urbana que procura se encontrar. Ou ainda pela simples circunstância de não estar preparado para essa responsabilidade, pelo que seu movimento adquire feições apenas comerciais.

----ooo000ooo---

Comentários do Barbieri

Comprei este livro num sebo perto da Praça da Sé em São Paulo lá pelo princípio de 1980. Este livro acabou vindo para Londres onde vivo e agora faz parte da minha biblioteca. Para colocá-lo aqui neste site, com um scanner copiei todas as páginas do livro, incluindo a capa e, depois usei um programa OCR (optical character recognizer) para checar todas as páginas e assim transformar os "scans" num documento em Microsoft Word. Como o texto do livro foi escrito nos anos 60, com Word fiz a correção do texto. O texto então, foi reeditado onde tomei a liberdade de acrescentar uma biografia do autor e, depois transferido para este PDF.

Direitos Autorais

Quero deixar claro que não estou tendo nenhum benefício financeiro com a publicação online deste texto. Meu intuito é puramente educacional uma vez que este livro está esgotado. Se o autor ou a editora tiver alguma objeção quanto a publicação online deste material, peço-lhes que se comuniquem-se comigo imediatamente para que, com pesar, retire este documento importante do nosso site.

Antonio Celso Barbieri

Barbieri – Memórias do Rock Brasileiro

www.celsobarbieri.co.uk



Rui Martins

A história do advogado e quase pastor, que decidiu ser jornalista

Nascido em Torre de Pedra, próximo a Tatuí, em São Paulo, Rui recebeu esse nome em homenagem a Rui Barbosa e, coincidência ou não, acabou tornando-se também um «homem das letras». Por pouco não se tornou «pastor». Criado dentro da Igreja Presbiteriana, participava ativamente na comunidade e foi um dos líderes da mocidade na época. Com a ditadura, Rui desligou-se por completo da Igreja Presbiteriana. Ele compartilhava das ideias marxistas, enquanto a igreja uniu-se aos militares e expulsou os seminaristas de esquerda.

Rui decidiu estudar Direito na USP e, enquanto fazia faculdade à noite, trabalhava de dia no Citibank. A seguir, foi assistente de direção do SESC, Serviço Social do Comércio. «Tive três chefes que eram simpatizantes da esquerda e aprendi muito na convivência e bate-papo com eles», diz o escritor. Mas o que ele queria mesmo era trabalhar num jornal. Por meio de um amigo, conseguiu fazer um mês de estágio no jornal Estado de São Paulo. Terminado o período, prometeram lhe chamar. Isso não aconteceu. Teimoso, Rui foi até o jornal levar o convite para sua formatura e fez mais uma tentativa. Deu certo, recebeu uma oferta. Sem pensar duas vezes, Rui pediu licença no SESC e nunca mais voltou. «Fui para o jornal ganhando 1/3 do meu salário, mas era isso que eu queria fazer», lembra.

Rui estava dois anos no jornal quando publicou o livro «A rebelião romântica da Jovem Guarda» (Fulgor, 1966). Publicado em plena ditadura, o livro defendia a tese de que Roberto Carlos surgiu para preencher um vazio que havia no país. Músicas como «Quero que vá tudo pro inferno», pregavam uma forma de fugir do real. O jeito de ser da Jovem Guarda contaminou o país e os meios de comunicação ajudaram a criar o fenômeno musical. Essa forma de expressar as frustrações, cassações políticas e incertezas passou a ser um fenômeno sociológico. A análise de Rui sobre o tema foi publicada em uma página no Estadão e o editor da Fulgor (que era ligada ao PC) propôs que ele publicasse um livro a respeito. «Em um mês o livro estava pronto», disse Rui, que marcou assim sua estreia como escritor. Sua atuação no jornal sempre teve uma pitada de contestação à realidade. Como jornalista que cobria a área estudantil, abrigou em sua casa o líder da União Nacional dos Estudantes, José Luís Guedes e sua família, que estavam sendo perseguidos. Mais tarde foi demitido do jornal por ter comemorado a reação dos vietcongs aos Estados Unidos na Guerra do Vietnam. Assumiu a chefia de redação paulistana do jornal Última Hora do Rio. Perdeu novamente o emprego, em dezembro de 68, ao participar de uma suposta greve de jornalistas. Rui lembra do caso com certo humor: «O Reali Junior, na época no Jornal da Tarde, veio à minha redação pedir apoio para uma greve de jornalistas em São Paulo, que na verdade não acontecia, mas eu acreditei e escrevi para a sede: a imprensa de São Paulo está em greve e nós, como correspondentes em São Paulo também estamos». A resposta veio rápida e curta: «Está demitido!» Numa época em que «ser do contra» dava punição, alguns amigos se preocuparam com a segurança de Rui, temendo que ele fosse preso. Foi quando recebeu uma proposta irrecusável da Embaixada da França: uma bolsa de estudos para Paris para sair do Brasil. Arrumou tudo, saiu do Brasil, deixou a mulher, e se exilou na França. «Saí uma semana antes do sequestro do embaixador americano, que levou à prisão todo mundo», conta.

Na França, que considera sua segunda pátria, fez seu Mestrado em Jornalismo no Institute Français de Presse e dois anos de doutorado com especialidade em Ciência da Comunicação. «Escrevi algum tempo para o Pasquim e, durante uma época cheguei a ter três bolsas ao mesmo tempo para poder sobreviver», relata. Nas horas vagas, dava aulas de português.

Veio para Genebra, em 1970, pegar uma carta de apresentação de Paulo Freire, que lhe garantiu uma bolsa de estudos da CIMADE, em Paris. Ia ser professor de jornalismo em Constantine, na Argélia, mas o contrato furo na última hora. Inscreveu-se para um posto na UNESCO (órgão das Nações Unidas responsável pela área da Educação, Ciência e Cultura), por indicação de Eber Ferrer, mas chegou em segundo lugar e não entrou. Foi uma época difícil em Paris, onde criara nova família e onde nasceram suas duas filhas mais velhas. Era uma vida de restrições e pouco dinheiro. Por sorte, começou a escrever para a revista Manchete.

Em 1975, em plena administração Geisel, voltou para o Brasil, pois sua esposa tinha muitas saudades. O retorno durou somente nove meses. Como sua esposa tinha sido tesoureira da União Estadual dos Estudantes, um dia os militares do DOI-CODI bateram à sua porta às cinco horas da manhã e a levaram para ser interrogada. Alguns dias de prisão com tortura, acabaram com a perspectiva de

uma vida normal em São Paulo e exigiram uma nova saída discreta para começar tudo de novo em Paris. Um amigo lhe conseguiu um emprego pela Abril e, a seguir, Rui trabalhou como correspondente para a Rádio Guaíba, de Porto Alegre.

Em 1980, com um contrato na Rádio Suíça

Internacional, Rui veio morar em Berna, aqui na Suíça. Nessa época conheceu o deputado e escritor Jean Ziegler. «Premiado ou azarão», como ele mesmo diz, ao chegar perto dos cinco anos de trabalho, soube que seu contrato não seria renovado e terminaria no meio do ano letivo das crianças. Rui foi o primeiro estrangeiro a não ter mais contrato definitivo com a Rádio Suíça, que, em 1985, mudou as regras para os estrangeiros.

Depois de um ano e meio na Holanda, voltou à Suíça para ser correspondente do que seria a CBN e do Estadão. Seus boletins de rádio tinham, desde a época da Guaíba, um estilo diferente, começando sempre com uma brincadeira, uma frase de efeito e transmitindo muita emoção. O jornalista procurou sempre manter uma interatividade com o ouvinte. Para muitos retransmitia seus boletins por E-mail. Do tempo na Rádio Suíça Internacional ficou um ressentimento, que custou a desaparecer. «A Suíça me rejeitou e eu rejeitei a Suíça. Tudo o que eu podia, escrevia contra a Suíça. Mudei a imagem de cartão postal que a Suíça tinha no Brasil e contei um lado que não se conhecia », revela o escritor. Rui só venceu esse problema quando abraçou uma nova bandeira: a luta pelas classes bilíngues no cantão de Berna. Tudo começou quando se tornou presidente da Comissão de Pais na escola de suas duas filhas do terceiro casamento. Quando veio a decisão da cidade de Berna de cortar a subvenção para a Escola Cantonal de Língua Francesa (ECLF) ele agitou a imprensa e «dizem que foi por isso que as autoridades bernesas voltaram atrás».

No processo de luta pela escola Rui conheceu os representantes do parlamento da cidade, viu que tinha apoio e que «era possível o diálogo com essa gente que eu antes não queria nem ver». Por isso mesmo ele não cansa de repetir que «a experiência de dirigir uma comissão de pais, lutar para serem ouvidos e o atual projeto de classes colegiais bilíngues com a criação do grupo Francophones de Berne foi a minha integração». «Passei tanto tempo não querendo me integrar que quero salvar os outros disso, no caso os filhos de imigrantes como eu. Precisamos fazer a nossa parte, esperamos que as autoridades correspondam ao nosso desejo de integração», afirma o jornalista. Infelizmente o momento atual não parece muito promissor: «agora vejo que a situação se degradingola e o país adota leis racistas contra os estrangeiros».

Essa decepção acaba transparecendo no livro sobre Maluf. «Fui duro nos ataques a essa Suíça. Estou desenterrando de uma outra forma a revolta antiga», conclui. Mesmo assim, continua ativo na defesa da bandeira das classes bilíngues em Berna e algumas vitórias já estão a caminho. É quase certo que a primeira classe colegial bilíngue francês-alemão comece a funcionar a partir de agosto de 2007. «É preciso sempre ousar para transformar uma ideia em realidade», festeja.

Rui acredita que se a imigração nos trouxe até aqui, precisamos nos integrar, para participar mais ativamente da vida no novo país e transmitir as nossas ideias de sociedade.

Mas essa integração deve ser consciente «para que a Suíça, graças aos estrangeiros, possa descobrir o caminho da abertura ao mundo». Pensando no exemplo do futebol, Rui lembra que a grande vitória da França na Copa do Mundo foi a vitória do antirracismo. Para o jornalista, «a Suíça só poderá ter ambições nessa área quando tiver uma seleção colorida».

Outra luta é para que o Brasil reconheça os filhos de pai e/ou mãe brasileiros nascidos no Exterior como brasileiros natos. Seu último artigo a respeito (ver página 16) está sendo republicado nos EUA e foi lembrado nas discussões de Boston sobre imigração brasileira. Seu objetivo é criar um ponto central, um site, que reúna imigrantes brasileiros da Europa, Ásia e EUA para forçar o Brasil a rever sua política com relação à diáspora brasileira. (I.Z.)

CIGA-Brasil - Centro de Integração e Apoio

ANO 7 - NÚMERO 37 - OUTUBRO 2005 - TIRAGEM: 1500 EXEMPLARES

info@cigabrasil.ch

www.cigabrasil.ch